



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MUDANÇAS NO PERFIL SOCIOGRÁFICO DOS
INGRESSANTES NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA
DOS COLÉGIOS VINCULADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE: IMPLICAÇÕES PARA GESTÃO DA ESCOLA**

Jeferson Batista da Silva

**Brasília - DF
2009**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS EM GESTÃO
DA EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**MUDANÇAS NO PERFIL SOCIOGRÁFICO DOS
INGRESSANTES NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA
DOS COLÉGIOS VINCULADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE: IMPLICAÇÕES PARA GESTÃO DA ESCOLA**

Jeferson Batista da Silva

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Kipnis

Brasília, DF
Junho - 2009

Reprodução parcial permitida mediante a citação da fonte.

Silva, Jeferson Batista da.

Mudanças no Perfil Sociográfico dos Ingressantes no Curso Técnico em Agropecuária dos Colégios Vinculados à Universidade Federal Fluminense: Implicações para Gestão da Escola/ Jeferson Batista da Silva – 2009.
98p.

Trabalho de conclusão de curso de Mestrado em Educação – Universidade de Brasília – UnB, Programa de Pós-Graduação em Educação, Políticas Públicas e Gestão da Educação, 2009.

Orientação: Prof^o. Dr. Bernardo Kipnis

1. perfil sociográfico.

2. técnico em agropecuária.

3. gestão

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Jeferson Batista da Silva

MUDANÇAS NO PERFIL SOCIOGRÁFICO DOS INGRESSANTES NO
CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DOS COLÉGIOS VINCULADOS
À UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE: IMPLICAÇÕES PARA
GESTÃO DA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Políticas Públicas e Gestão da Educação.
Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e
Tecnológica.

Dissertação Aprovada em: ____/____/2009.

Prof. Dr. Bernardo Kipnis – FE/UnB
Examinador Titular – Orientador

Prof. Dr. Moisés Domingos Sobrinho – FE/UFRN
Examinador Titular

Prof. Dr^a. Olgamir Francisco de Carvalho – FE/UnB
Examinadora Titular

Prof. Dr^a Livia Freitas Fonseca Borges
Examinadora Suplente

Brasília – DF
Junho - 2009

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus e a todos os seus mensageiros que me permitiram alcançar mais esta etapa. Aos meus pais José Alberto Batista da Silva e Josélia Silva e Silva, a querida irmã Elaine Batista da Silva, aos meus queridos sogros Maurício Rodrigues e Léa Rodrigues, aos meus cunhados(as), a todos os meus irmãos do TUMC, em especial Gessi da Costa Salles e Evanil Nogueira, a todos meus familiares e amigos e a minha amada esposa Marília Rodrigues da Silva que foi meu estímulo e luz durante esta caminhada, para quem dedico este pensamento.

A Idade de Ser Feliz

Existe somente uma idade para a gente ser feliz,
somente uma época na vida de cada pessoa
em que é possível sonhar e fazer planos
e ter energia bastante para realizá-las
a despeito de todas as dificuldades e obstáculos.

Uma só idade para a gente se encantar com a vida e
viver apaixonadamente
e desfrutar tudo com toda intensidade
sem medo, nem culpa de sentir prazer.

Fase dourada em que a gente pode criar
e recriar a vida,
a nossa própria imagem e semelhança
e vestir-se com todas as cores
e experimentar todos os sabores
e entregar-se a todos os amores
sem preconceito nem pudor.

Tempo de entusiasmo e coragem
em que todo o desafio é mais um convite à luta
que a gente enfrenta com toda disposição
de tentar algo NOVO, de NOVO e de NOVO,
e quantas vezes for preciso.

Essa idade tão fugaz na vida da gente
chama-se PRESENTE
e tem a duração do instante que passa.
(autor desconhecido)

Que bom meu AMOR que fazes parte do meu
presente!

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, causa primária do Todo, e aos seus mensageiros e espíritos de luz sem os quais não seria possível a concretização deste trabalho.

Aos meus familiares, por todo apoio, confiança e paciência que me prestaram durante os últimos tempos. Estes souberam suportar os meus momentos de ausência e de dificuldades.

Ao meu Orientador Professor Doutor Bernardo Kipnis, pelas orientações, atenção e pela especial oportunidade de realizar o curso sob sua orientação, pelos ensinamentos, confiança depositada, comprometimento e disponibilidade on-line durante a trajetória.

Ao Diretor e amigo Professor José de Arimathéa Oliveira pelo grande apoio e incentivo.

Aos Professores, Funcionários e Estudantes do CANP/UFF, que, direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho.

À Direção, Professores, Funcionários e Estudantes do CTAIBB/UFF, pela contribuição dada durante esta pesquisa.

Aos demais Professores do Mestrado em Educação da UnB, pelas importantíssimas contribuições prestadas durante as aulas, e fóruns de discussões.

À Secretaria da Pós-Graduação da Faculdade de Educação, pela atenção, acompanhamentos e informes prestados durante o curso.

À importante contribuição do Professor Doutor Moisés e da Professora Doutora Olgamir no exame de qualificação que nortearam melhor a minha jornada.

A todos os Colegas, Amigos e Amigas com quem mantive contato durante o Mestrado.

A Professora Doutora Jaqueline Mooll, mentora do Projeto Gestor, um agradecimento carinhoso por sua iniciativa e pelo seu compromisso com a pesquisa científica e também pela preocupação com a qualificação dos docentes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Ao MEC/SETEC pelo convênio firmado com a UnB que oportunizou a realização do curso.

"Não é possível refazer este país,
democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério,
com adolescentes brincando de matar gente,
ofendendo a vida, destruindo o sonho,
inviabilizando o amor. Se a educação
sozinha não transformar a sociedade, sem
ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

RESUMO

SILVA, Jeferson Batista. **Mudanças no perfil sociográfico dos ingressantes no curso técnico em agropecuária dos Colégios vinculados à Universidade Federal Fluminense: implicações para gestão da escola.** 2009, 98p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 2009.

Esta dissertação descreve a mudança no perfil sociográfico dos ingressantes no curso técnico em agropecuária do Colégio Agrícola Nilo Peçanha e Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges, no período de 2003 a 2008. O presente trabalho se beneficia da experiência de 4 anos do pesquisador como gestor financeiro do CANP e ainda considera a experiência do mesmo enquanto docente. A pesquisa consistiu em uma investigação documental e de campo. O trabalho documental constituiu-se em análise detalhada das fichas cadastrais do registro escolar dos últimos 5 anos das turmas de 1º ano do curso técnico em agropecuária. O trabalho de campo foi conduzido por meio da aplicação de questionário nas turmas de 1º ano de ambas as instituições e entrevista semiestruturada com os gestores. As mudanças constatadas mediante a análise dos questionários respondidos pelos ingressantes de 2008, quando confrontadas com os dados obtidos das fichas cadastrais, são expressas mediante apresentação de tabelas e gráficos, que revelam a necessidade de adequações nas instituições para atender as demandas desta nova clientela, visto que o antigo público masculino de origem rural e faixa etária mais elevada, atualmente é substituído pelo público feminino de origem urbana e mais jovem. A pesquisa também revela as implicações para a gestão escolar destas mudanças e sugere a utilização de ferramentas que visam subsidiar, por meio dos dados aqui apresentados, a elaboração de planejamentos futuros, no projeto político pedagógico, no plano de desenvolvimento institucional que mais se aproximem das realidades e especificidades de suas comunidades escolares, de modo a capacitar o jovem a enfrentar os desafios no mundo do trabalho.

Palavras – chave: perfil sociográfico, técnico em agropecuária, gestão.

ABSTRACT

SILVA, Jeferson Batista. **Changes in the sociographic profile of the ingressantes in the technical course in farming of the Schools linked to the Fluminense Federal University: implications for administration of the school.** 2009, 104p. Dissertation (Master's degree in Education). University of Education, University of Brasília UnB, Brasília, DF 2009.

This dissertation describes the change in the profile sociographic of the ingressantes in the technical course in farming of the Agricultural School Nilo Peçanha and Agricultural Technical School Ildefonso Bastos Borges in the period from 2003 to 2008. The present work if it benefits of the experience of the author's 4 years as financial manager of CANP, and it still considers the existence of the same while educational. The research consisted of a documental investigation and of field. The research consisted of a documental investigation and of field. The documental work was constituted in detailed analysis of the cadastral records of the school registration of the last 5 years of the 1° year-old groups. The field work was driven through the questionnaire application in the groups of 1° year of both institutions and interview semi-structured with the managers. The changes verified by the analysis of the questionnaires answered by the ingressantes of 2008, when confronted with the obtained data of the cadastral records, they are expressed by the presentation of tables and graphs, that you/they reveal the need of adaptations in the institutions to assist the demands of this new clientele. Because the old masculine public of rural origin and higher age group, today it is substituted by the feminine public of urban and younger origin. The research also lifts the implications for the school administration of these changes and he/she suggests the use of tools that you/they seek to subsidize through the data here presented the elaboration of future plannings, in the pedagogic political project, in the plan of institutional development that more they approach the realities and their school communities' specificities, in way to qualify the youth to face the challenges in the world of the work.

Key Words: sociographic profile, technician in farming, administration.

LISTA DE ABREVIATURAS

UFF	Universidade Federal Fluminense
CANP	Colégio Agrícola Nilo Peçanha
CTAIBB	Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESAMV	Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária
MEC	Ministério da Educação e Cultura
COAGRI	Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário
SETEC	Secretaria de Educação Profissional Tecnológica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PROEJA	Programa de Educação de Jovens e Adultos
NDC	Núcleo de Comunicação
EXPOCANP	Exposição do Colégio Agrícola Nilo Peçanha
APAE	Associação de Pais e Amigos de Excepcionais
IFRJ	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFRuralRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
CRUTAC	Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
DTS	Determinação de Serviço
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
CONTAP	Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Síntese dos acontecimentos históricos – CANP	33
QUADRO 2	Vista geral da área central do CANP – ao fundo a Cidade de Pinheiral e o Rio Paraíba do Sul	34
QUADRO 3	Fachada do prédio administrativo	34
QUADRO 4	Unidade educativa de ensino e produção de bovinocultura de leite – Estudantes em aula prática	35
QUADRO 5	Unidade educativa de ensino e produção módulo agroecológico – horta	35
QUADRO 6	Laboratório de Informática – Estudantes em aula	35
QUADRO 7	Sala de aula	35
QUADRO 8	Refeitório	35
QUADRO 9	Biblioteca	35
QUADRO 10	Mapa Médio Vale do Paraíba do Estado do Rio de Janeiro	36
QUADRO 11	Vista geral da área central do CTAIBB	38
QUADRO 12	Vista do prédio administrativo	38
QUADRO 13	Unidade educativa de ensino e produção de Piscicultura	38
QUADRO 14	Laboratório de Informática – estudantes em aula	38
QUADRO 15	Sala de aula e Refeitório	38
QUADRO 16	Mapa Noroeste do Estado do Rio de Janeiro	41

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Percentual (%) de gênero dos ingressantes dos últimos 5 anos do CANP e CTAIBB .	43
FIGURA 2	Percentual (%) de gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.	44
FIGURA 3	Distribuição do gênero dos ingressantes por ano	45
FIGURA 4	Idade por gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB nos últimos 5 anos.	46
FIGURA 5	Idade por gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	47
FIGURA 6	Gênero por origem dos ingressantes do CANP nos últimos 5 anos.	48
FIGURA 7	Gênero por origem dos ingressantes do CTAIBB nos últimos 5 anos.	49
FIGURA 8	Gênero por origem dos ingressantes do CANP em 2008	51
FIGURA 9	Gênero por origem dos ingressantes do CTAIBB em 2008	52
FIGURA 10	Percentual dos ingressantes que residem em zona urbana e zona rural do CANP e CTAIBB em 2008	54
FIGURA 11	Percentual da renda mensal familiar dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	56
FIGURA 12	Renda familiar X Computador X Acesso a internet dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	60
FIGURA 13	Renda familiar mensal X Término da gratuidade no Transporte dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	62
FIGURA 14	Distribuição Percentual das razões pela escolha do colégio e do curso técnico em agropecuária pelos ingressantes do CANP em 2008	63
FIGURA 15	Distribuição Percentual das razões pela escolha do colégio e do curso técnico em agropecuária pelos ingressantes do CTAIBB em 2008	64
FIGURA 16	Vivência em agropecuária dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.	65

FIGURA 17	Exercício da profissão de técnico em agropecuária pelos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.	66
FIGURA 18	Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008, no que se refere ao local em que reside	67
FIGURA 19	Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008, com a oferta de alojamento para ambos os gêneros	67

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Distribuição de gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB nos últimos 5 anos, no Curso Técnico em Agropecuária.	43
TABELA 2	Distribuição de gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	44
TABELA 3	Idade dos ingressantes do CANP e CTAIBB dos últimos 5 anos, no Curso Técnico em Agropecuária	46
TABELA 4	Idade por gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	47
TABELA 5	Distribuição por origem dos ingressantes do CANP e CTAIBB nos últimos 5 anos, no Curso Técnico em Agropecuária.	50
TABELA 6	Distribuição por origem dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008, no Curso Técnico em Agropecuária	53
TABELA 7	Origem escolar dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	58
TABELA 8	Renda familiar X origem escolar dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	58
TABELA 9	Renda familiar X Computador X Acesso a internet dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008 .	60
TABELA 10	Renda familiar mensal X Termino da gratuidade no transporte dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008	61
TABELA 11	Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008 , no aspecto repetência escolar	69
TABELA 12	Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008 , em relação a dificuldade nas disciplinas em curso na escola	69
TABELA 13	Expectativa do ingressante do CANP em 2008	70
TABELA 14	Expectativa do ingressante do CTAIBB em 2008	71
TABELA 15	Avaliação dos ingressantes do CANP em 2008, em relação as condições estruturais	73
TABELA 16	Avaliação dos ingressantes do CTAIBB em 2008, em relação as condições estruturais	74

TABELA 17	Avaliação dos ingressantes do CANP em 2008, em relação as condições limpeza	76
TABELA 18	Avaliação dos ingressantes do CTAIBB em 2008, em relação as condições limpeza	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPITULO I: HISTÓRICO DO ENSINO AGRÍCOLA	23
1.1 – Retrospectiva do Ensino Agrícola no Brasil	23
CAPITULO II: METODOLOGIA	30
2.1 – Abordagem Quantitativa e Qualitativa em Educação	30
2.2 – População e Instrumentos	31
CAPITULO III: CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS	33
3.1 - Origem do Colégio Agrícola Nilo Peçanha – CANP	33
3.1.1 - Caracterização da região na qual está localizado o CANP	36
3.2 - Origem do Colégio Técnico Agrícola Ildfonso Bastos Borges – CTAIBB	37
3.2.1- Caracterização da região na qual está localizado o CTAIBB	40
CAPITULO IV: MUDANÇA NO PERFIL SOCIOGRÁFICO	43
4.1 – Análise do Gênero, Idade e Origem	43
4.1.1 – Gênero	43
4.1.2 – Idade	45
4.1.3 – Origem/Localidade	48
4.2 – Perfil Socioeconômico	55
4.2.1 – Renda Familiar	55
4.2.2 – Origem Escolar e Renda Familiar	57
4.2.3 – Renda, Computador e Acesso a internet	59

4.2.4 – Renda Familiar X Término da Gratuidade no Transporte	61
4.3 – Relação do Ingressante com o Curso	62
4.3.1 – Razões da Escolha da Escola/Curso	62
4.3.2 – Relação com o Meio Agropecuário	64
4.3.3 – Exercício da Profissão de Técnico em Agropecuária	65
4.4 – Condições para Permanência na Escola	66
4.5 – Desempenho Acadêmico do Estudante	68
4.6 – A visão do Estudante sobre a Escola	70
4.7 – A Visão do Gestor	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	92
Anexo 1 – Questionário aplicado aos Estudantes ingressantes	91
Anexo 2 – Levantamento em Fichas Cadastrais dos Estudantes nos últimos 5 anos.	97
Anexo 3 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada aplicada aos Gestores.	98

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal Fluminense – UFF, situada no estado do Rio de Janeiro na cidade de Niterói, possui dois colégios que oferecem o curso Técnico em Agropecuária, sendo eles: o Colégio Agrícola Nilo Peçanha - CANP e o Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges - CTAIBB. Os dois se destacam por serem referência de excelência na educação profissional e no ensino médio onde encontram-se inseridos, por ofertarem uma educação de qualidade, como todas as outras escolas da rede federal de ensino. O CANP localiza-se no Município de Pinheiral (RJ) Sul do Estado na região do Médio Vale do Paraíba e o CTAIBB está situado no Município de Bom Jesus do Itabapoana (RJ) no Noroeste do Estado.

O ensino técnico e tecnológico, principalmente o médio profissionalizante em Agropecuária, permite, ao final do curso a inserção do egresso no mundo do trabalho, seu retorno ao local de origem de modo a aplicar os conhecimentos adquiridos em prol da melhoria dos sistemas socioprodutivos agropecuários e da propriedade familiar ou a possibilidade de ascensão nos estudos. No entanto, nos últimos anos, observa-se uma mudança no perfil do estudante que ingressa no curso Técnico em Agropecuária nas referidas instituições. Esse fato pode ser consequência do ensino gratuito de qualidade que as instituições federais oferecem.

Essa nova clientela nem sempre está em busca de uma profissionalização, mas talvez de embasamento para uma trajetória acadêmica no ensino superior. Esse fenômeno não é privilégio dos colégios vinculados à UFF e tampouco do curso Técnico em Agropecuária. Ele manifesta-se na maioria das instituições de ensino técnico e tecnológico do país (FREITAS, 2006).

Segundo Kuenzer (2002), do ponto de vista da nova concepção do Ensino Médio, torna-se claro que a democratização do ensino só será possível em uma sociedade em que todos desfrutem igualmente das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos, ou seja, em uma sociedade na qual os jovens possam exercer o direito à diferença, sem que isso se constitua em desigualdade, de tal modo que as escolhas, por determinar trajetória educacional e profissional, não sejam socialmente determinadas pela origem de classe. Ou, exemplificando, que a decisão de não cursar o nível superior corresponda ao desejo de desempenhar uma outra função que exija qualificação mais rápida, mas que seja igualmente valorizada socialmente, de modo a propiciar trabalho e vida digna. Isso exigiria que, potencialmente, existisse trabalho digno e oportunidades educacionais para todos em todos os níveis.

As instituições de ensino técnico e tecnológico são fortemente marcadas por sua qualidade e presença no território nacional. As existentes no estado do Rio de Janeiro não fogem à regra. O prestígio da Rede Federal acirra a disputa por uma vaga para entrar em um curso técnico, o que acaba por atrair jovens com variados perfis do esperado para um curso profissionalizante em agropecuária, os quais acabam por possuírem objetivos diferentes aos propostos pelos documentos legais no que se refere à terminalidade e a finalidade produtiva. A realidade tem demonstrado que nem todos os egressos dos Colégios Agrícolas têm sua inserção no mundo do trabalho de acordo com sua área de formação, ou seja, não exercem atividades ligadas ao setor primário da economia (MARTINS, 2000).

No Brasil, a evidência mais concreta da subsunção da educação profissional ao mercado está no dualismo que caracterizou essa modalidade do sistema educativo, de seus primórdios até hoje e que institucionalizou uma educação destinada aos dirigentes e outra aos trabalhadores (CARVALHO, 2003).

Esta dicotomia na educação gerou na educação profissional a função de qualificação da mão-de-obra, vinculada a uma ocupação no mundo do trabalho. Verifica-se esta divisão tanto na legislação como na práxis educativa, o que alerta para falta de uma política de educação profissional que atenda ao interesses das classes trabalhadoras.

Para Franco (1994), a escola é incapaz de resolver a contradição capital-trabalho, o que torna inútil a discussão em torno do vínculo ou desvínculo, direto, imediato entre a escola e o trabalho.

Segundo Gramsci (citado por Mészáro, 2005) educar é colocar fim a separação entre o Homo faber e Homo sapiens; é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias.

Dessa forma, é importante refletir sobre o desenvolvimento científico e seus desdobramentos no campo da produção e também, no educacional. Ressalta-se que análises feitas sobre a forma de organização desses campos e as estruturas de poder que permeiam as relações que neles se estabelecem, podem auxiliar no conhecimento das especificidades de cada um deles e o modo como se inter-relacionam.

Ao estudar as mudanças no perfil sociográfico dos estudantes e suas implicações para a gestão da escola, identificou-se, o atual perfil do estudante que ingressa no curso Técnico em Agropecuária como: gênero, idade, localidade, condição socioeconômica, relação do ingressante com o curso, condição para permanência na escola, desempenho acadêmico, visão do estudante sobre a escola e a visão do gestor. Espera-se que essa

pesquisa possa contribuir, principalmente, para as escolas que ofereçam o curso Técnico em Agropecuária e que possua estruturas de alojamentos, refeitório, entre outras instalações físicas, para a caracterização de sua clientela presente e do seu direcionamento futuro. A pesquisa gerou subsídios para contribuir com os gestores e suas equipes administrativas e pedagógicas na construção e atualização de seus planejamentos, projetos político-pedagógicos, matrizes curriculares e estratégias socioeducativas e, também, para aproximar o objetivo da instituição com o interesse dos ingressantes.

O ingresso dos jovens nas instituições federais de ensino técnico passa a ser uma estratégia de escolarização para aqueles que buscam o acesso nas Universidades Públicas, mas que se notam impossibilitados de frequentar boas escolas em sua região, principalmente as da rede privada, tendo em vista a precariedade na maioria das instituições de ensino Municipal e Estadual. Constata-se que grande parte do corpo discente que ingressa no Curso Técnico em Agropecuária no Estado do RJ está à procura do ensino propedêutico e não do profissional. Convém enfatizar que há uma grande procura do curso pelo gênero feminino, principalmente pelas meninas que residem em outros municípios. Já as jovens provenientes da área rural desistem de participar do processo seletivo pelo fato de não haver alojamento estudantil feminino. Dessa forma, temos uma dualidade instaurada na formação profissionalizante do ensino Técnico em Agropecuária, a terminalidade do ensino técnico X continuidade do ensino propedêutico e a clientela urbana X rural, além do aumento significativo do gênero feminino em ambas as situações, que acabam por gerar implicações para a gestão tanto na estrutura física/funcional quanto na pedagógica/curricular.

Há algum tempo, a direção do CANP e do CTAIBB juntamente com seus docentes vêm notando uma diferença no perfil dos estudantes que ingressam no ensino profissionalizante de Agropecuária, principalmente quando são utilizados como referência características como idade, local de origem, ligação com o meio rural, gênero etc. Assim partiu-se de questões que surgiram da experiência do autor e justificou-se pelo comprometimento de se desenvolver um estudo que venha identificar se, de fato, essas mudanças estão ocorrendo e o seu direcionamento futuro, o que vem a ser importante mediante as implicações que possam ser geradas para a gestão, como:

- a escola não está preparada estruturalmente e pedagogicamente (banheiros, vestiários, adequação das atividades práticas de aula) para receber o aumento no contingente do gênero feminino;

- a menor idade dos estudantes gera preocupação nas atividades onde eles têm de manusear máquinas e equipamentos que, em caso de acidente, possam comprometer a integridade física necessitando de uma adequação das práticas com o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA;
- o possível aumento da procura por alojamento com o término do passe escolar.

A partir dos dados expostos, desenvolveu-se esta dissertação, com o objetivo de analisar a mudança no perfil do estudante ingressante, visto que é um fator que pode influenciar no processo de gestão da instituição. Ressalta-se que o estudante é o principal motivo de existência da escola, de modo que ela deve sempre estar pronta para atendê-lo em todos os aspectos.

Dentre os fatores citados, é marcante o aumento significativo do gênero feminino e a redução da faixa etária no referido curso, o que antes era marcado pela presença masculina e por estudantes maiores de 18 anos, principalmente pelo modelo empregado de “escola fazenda”, hoje internato (facultativo).

Então, é conveniente propor a seguintes questões:

- 1) o que estaria gerando tais alterações de gênero nas turmas?
- 2) Por que há uma maior procura pelo público urbano?
- 3) Será que a menor idade ao concluir o curso técnico, estimula o ingresso no ensino superior?
- 4) O que o estudante ingressante espera da instituição?
- 5) De que modo a gestão se manifesta diante dessa mudança de perfil?

Estabelecidos como ponto de partida os pressupostos apresentados, delineou-se como objetivo geral analisar a mudança no perfil sociográfico dos ingressantes no curso Técnico em Agropecuária dos Colégios vinculados a UFF. E como objetivos específicos:

- Identificar mudanças no perfil sociográfico, a partir de 2003 na visão do estudante e do gestor;
- Descrever a evolução do ensino, contexto escolar e aspectos históricos dos colégios vinculados a UFF que oferecem o curso Técnico em Agropecuária;
- Identificar as mudanças no perfil sociográfico dos ingressantes e as implicações para a gestão da escola.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se por fazer, num primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica para o recolhimento e estudo de material bibliográfico que contribuísse para o alcance dos objetivos aqui propostos.

Num segundo momento, levantaram-se as fichas cadastrais de 2003 a 2007 de ambas as instituições. Neste momento, também, foram aplicados questionários aos ingressantes de 2008 e realizadas entrevistas com os gestores. Esses procedimentos foram adotados para identificar a mudança no perfil sociográfico do ingressante.

Outros dados podem ser obtidos por meio da definição do perfil sociográfico sendo um deles, a qualidade da infraestrutura da instituição. Neste contexto, um ensino de qualidade não depende apenas do trabalho docente, mas de todo o conjunto ofertado ao estudante, inclusive no que se refere às condições estruturais dos ambientes e o seu estado de conservação e limpeza. O ambiente confortável e harmônico proporciona condições para que o estudante desenvolva seu potencial (ABRAMOVAY, 2003).

O presente texto organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo inicia-se com a apresentação do histórico do Ensino Agrícola que traça um breve cenário retrospectivo, para que se possam contextualizar as origens do ensino agrícola com o momento atual.

O segundo capítulo apresenta a metodologia, isto é, descreve os procedimentos adotados nesta pesquisa, sem, contudo interferir nesta realidade.

No terceiro capítulo apresentam-se o CANP e o CTAIBB, suas origens históricas, características e suas representatividades locais.

No quarto capítulo estão apresentados os resultados obtidos sistematizados com objetivo de permitir uma avaliação do conjunto de informações, facilitando, assim, a descrição e a comparação da mudança dos perfis e das características resultantes deste estudo.

Em seguida são apresentadas as considerações finais, ressaltando as implicações para a gestão da escola.

CAPÍTULO I HISTÓRICO DO ENSINO AGRÍCOLA NO BRASIL

1.1 – Retrospectiva do Ensino Agrícola no Brasil

A origem do ensino agrícola no país e das reformas que a educação sofre ao longo dos tempos acaba por manter a dicotomia entre os que pensam e os que fazem.

O ensino no Brasil colonial não apresentava nenhuma estruturação pedagógica, tampouco curricular. O saber profissional era repassado no dia-a-dia do trabalho, de pai para filho, nas camadas mais desfavorecidas da sociedade. Todavia os trabalhos braçais, principalmente o agrícola, era realizado por escravos, inseridos num sistema em que predominavam o latifúndio e a monocultura (SOARES, 2003).

Cunha (2000) relaciona o perfil dos sujeitos do “ensino profissionalizante” do Brasil Colônia.

Com efeito, numa sociedade em que o trabalho manual era destinado aos escravos (índios e africanos), essa característica “contaminava” todas as atividades que lhes eram destinadas; as que exigiam esforço físico ou a utilização das mãos. Homens livres se afastavam do trabalho manual para não deixar dúvidas quanto a sua própria condição, esforçando-se para eliminar as ambigüidades de classificação social. Aí está à base do preconceito contra o trabalho manual, inclusive e principalmente daqueles que estavam socialmente mais próximos dos escravos: mestiços e brancos pobres. [...] Assim, não é de estranhar que certas ocupações não atraíssem muitas pessoas para desempenhá-las. O resultado foi o trabalho e a aprendizagem compulsória: ensinar ofícios a crianças e jovens que não tivessem escolha. Desde os tempos coloniais, quando um empreendimento manufatureiro de grande porte, como os arsenais de marinha, por exemplo, exigiam um contingente de trabalhadores não disponíveis, o Estado coagia homens livres a se transformarem em artífices. Não fazia isso, de certo, com quaisquer homens livres, mas com aqueles que socialmente não estavam em condições de opor resistência [...] Procedimentos semelhantes eram adotados para com os menores destinados à aprendizagem de ofícios: os órfãos, os abandonados, os desvalidos, que eram encaminhados pelos juizes e pelas Santas Casas de Misericórdia aos arsenais militares e de marinha, onde internados e postos a trabalhar como artífices, até que, depois de certo número de anos, escolhessem livremente onde, como e para quem trabalhar (CUNHA, 2000).

Os Jesuítas, quando aqui chegaram em 1549, com intuito de catequizar e instruir os índios e filhos dos colonos, começaram o ensino a partir da doutrina cristã e da língua portuguesa. Na sequência viria o ensino de canto orfeônico e de música instrumental, posteriormente ocorreria uma separação em duas partes: a oferta do aprendizado

profissional e agrícola, aulas de gramática e viagem de estudo à Europa. Mas este projeto fora alterado em 1556, quando passava a vigorar o plano de estudo da Companhia de Jesus, que está embasado na cultura Européia, depois de ser constatada a inviabilidade em doutrina do índio e devido ao baixo recurso existente para tal finalidade. Dessa forma, os esforços foram concentrados sobre os filhos e filhas dos colonos, que acabaram por contribuir para formação da elite intelectual colonial “forjada” sobre rígido modelo educacional religioso. (RIBEIRO, 2003).

Só em 1808, a família real portuguesa, fugindo dos franceses se estabelece no Brasil e encontra uma população que não sabia ler nem escrever. A Inglaterra pressiona a libertação dos escravos e a industrialização do país, sendo então necessário criar um mercado consumidor para próspera indústria inglesa.

Eis o surgimento do ensino Técnico em sentido amplo, entre 1800 e 1900, criam-se oficinas voltadas para pobres, surdos, mudos, deficientes, para que aprendessem a “fazer” coisas para a família Real. O ensino profissionalizante, principalmente o agrícola, vigora a partir da preocupação em se realizar estudos e da divulgação de inovações e técnicas agrícolas específicas para a colônia. Isso ocorreu mediante a criação pelo Príncipe Regente D. João do primeiro Horto Real (Jardim Botânico do Rio de Janeiro) e ainda pela implantação na Bahia do curso de Agricultura voltado para os estudos botânicos e Jardim Botânico anexo, em 1812, dando assim o início ao ensino agrícola no Brasil. (FREITAS, 2006).

Mais adiante em 1848, na Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas, criou-se a primeira Escola de Agricultura, com caráter teórico-prático, na busca do aperfeiçoamento da agricultura no país (SOARES, 2003). A criação por D. Pedro II da Escola de Santa Cruz em 1885, teve por princípio profissionalizar os filhos de escravos da corte, nos ofícios de prática-agrícola, carpintaria, marcenaria, forja, serralheria, alfaiataria e sapataria (BORGES, 2003). Compete ainda destacar a Imperial Escola da Bahia ou Escola de São Bento criada em 1875, mas inaugurada em 1877, pela Assembleia Provincial da Bahia, com recurso oriundo do imposto do açúcar e outros gêneros, que estipulou duas categorias para ensino profissionalizante agrícola: a denominada elementar, que compreendia habilitar regentes agrícolas, operários e florestais, e a categoria de ensino superior que se destinava à formação de engenheiros agrônomos, de silvicultores e de veterinários. Destaca-se que o início do ensino agrícola superior no País teve sua origem em uma escola de ensino profissionalizante (FREITAS, 2006).

A Presidência da República mantinha o controle sobre o ensino agrícola até 1906, com promulgação da Lei nº 1.606, a chamada Lei Nilo Peçanha, o ensino agrícola passa a ser de responsabilidade do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que também fora criado em 1906 e que teve outras atribuições como supervisionar o ensino agrícola. Anos mais tarde, 19 escolas de aprendizes e artífices foram criadas em quase todos os estados do país, pelo então Presidente Nilo Peçanha por meio do Decreto nº 7.566 que regulamentava também a Lei. Tais escolas possuíam caráter de terminalidade e sem articulação com os outros graus do ensino, instaurando-se no sistema de ensino brasileiro a dualidade entre o ensino propedêutico intelectual para a elite e o profissionalizante para a classe trabalhadora e desvalida da população, persistindo até os dias atuais (FREITAS, 2006).

Kuenzer (1999) afirma que estas escolas, antes de pretender atender às demandas de um desenvolvimento industrial inexistente, obedeciam a uma finalidade moral de repressão: educar, pelo trabalho; os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua. Assim, na primeira vez que aparece a formação profissional como política, ela o faz na perspectiva mobilizadora da formação do caráter pelo trabalho.

Já o Decreto nº 8.319 de 1910, que faz a primeira regulamentação oficial do ensino agrícola, denominado ensino agrônômico, acaba por contribuir mais a frente para a criação do Colégio Agrícola Nilo Peçanha – CANP. O referido decreto legislava sobre o ensino agrícola em todos os níveis, como o ensino de zootecnia, o de indústrias rurais, e o de medicina veterinária. Foi criada também a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV), no Rio de Janeiro.

Segundo Soares (2003), o art. 544 do decreto que regulamentava o ensino agrícola, restabelecia a obrigatoriedade de criar uma escola de ensino médio (hoje CANP) anexa ao Posto Zootécnico Federal em Pinheiro (hoje Município de Pinheiral), e prevê ainda auxílio para a implantação de outra escola ao norte do país e outra no centro sul.

Segundo Freitas (2006), os Patronatos Agrícolas criados por meio do Decreto 12.893 de 28/02/1918, com objetivo principal de atender os desvalidos da sorte, ao ofertarem cursos primários profissionalizante, de modo que o ensino agrícola estaria cumprindo seu papel de manter o homem no campo, gerar força de trabalho qualificado, e ampliar a produção de alimentos.

Em 1930, criou-se o primeiro Ministério da Educação e Cultura, por Getúlio Vargas. Na Era Vargas, tem início a industrialização no Brasil. Em 1937, em face da

previsão de aumentar a produção industrial, foram criados os Liceus com os primeiros cursos técnicos.

O ensino agrícola sofrerá outra regulamentação durante a década de 30, mediante a promulgação do Decreto-Lei nº 982, de 28/12/1938, que criava a Superintendência do Ensino Agrícola, que foi alterada para Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário (SOARES, 2003), sendo de sua competência fiscalizar o ensino agrícola e suas profissões oriundas. Apesar da reforma, o caráter propedêutico do ensino médio era mantido e os estudiosos da época já identificavam a dualidade existente, na formação profissional. Mas este cenário ainda perdurou por algumas décadas: pela de 40 com a Reforma Capanema, que buscou ajustar a proposta pedagógica da época com mudanças geradas pelo mundo do trabalho, criando o curso médio de 2º ciclo com 3 anos de duração, com intuito de capacitar as elites para o ensino superior. O ensino profissional também passa a ser médio, sem alterar seu caráter de terminalidade. Somente na década de 50, mais precisamente em 12 de março de 1953, com a promulgação da Lei da Equivalência, Lei 1.821, que egressos de cursos profissionalizantes poderiam dar sequência aos estudos no nível superior, desde que existisse ligação com sua formação técnica (FREITAS, 2006). Ficava explícito que o objetivo do ensino secundário era o de formar as elites condutoras do país e o do ensino profissional era o de oferecer formação adequada aos filhos dos operários, os desvalidos da sorte e aos menos afortunados; aqueles que necessitavam ingressar precocemente na força de trabalho.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, passava a conferir aos concluintes dos Colégios Agrícolas, por ela assim denominados, o diploma de Técnico em Agricultura, e proferiu benefícios para as classes desprovidas da população, contudo a diferenciação entre os sistemas de ensino persistia. Em 1966 ocorreu a adoção do modelo de Escola Fazenda, que se baseava no princípio: “Aprender a fazer, fazer para aprender”. Os estabelecimentos de ensino Agrícola buscaram uma adequação de sua estrutura pedagógica às demandas dos conglomerados industriais e das empresas agrícolas que começavam a se instalar e que baseavam suas atividades no desenvolvimento de novas tecnologias agrícolas (Convênio CONTAP II – MINAGRI/USAID). O ensino agrícola manteve-se subordinado ao Ministério da Agricultura até 1967, passando a responsabilidade para o Ministério da Educação e Cultura - MEC. Só em 1974, com a Lei 5.692, criada para atender as exigências da divisão internacional do trabalho, unificava o ensino secundário e fornecia aos estudantes concluintes do ensino profissionalizante o

direito de continuarem seus estudos no nível superior de qualquer área ou ingressarem imediatamente no mercado de trabalho como técnicos. Esta lei ampliou a permanência escolar no ensino de 1º e 2º graus para 8 anos e obrigou todas as escolas do país a ofertar o ensino profissional (FREITAS, 2006).

Logo, fora criada pelo MEC em 1973 por meio do Decreto 72.434, a Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário-COAGRI, que assumiria toda a responsabilidade, inclusive financeira, sobre todas as instituições profissionalizantes de formação agrícola. A COAGRI, na tentativa de cumprir as exigências governamentais para o ensino agrícola de 2º grau, destacou algumas inquietações, que, segundo Franco (1994), demonstraram não só a preocupação com a formação profissional, mas também com a construção da cidadania, e do pensamento participativo e crítico. Dentre as inquietações podemos enumerar as seguintes:

- Democratizar o processo de tomada de decisão na escola incentivando a participação ativa dos representantes dos vários segmentos sociais;
- Co-participar de programas que contribuam para melhoria de vida da comunidade nas áreas de alimentação, saúde, preservação do meio ambiente, educação do menor carente etc;
- Promover a gestão junto aos órgãos governamentais, a fim de oportunizar ao técnico em agropecuária a aquisição de terra e de capital suficiente para sua fixação como produtor rural;
- Proporcionar ao técnico em agropecuária orientação e assistência técnica, para que o mesmo possa se estabelecer como autônomo;
- Atuar na comunidade no processo de sua auto-organização, por meio de formas de reivindicar seus direitos, de desenvolver trabalhos associativos ou de encaminhar propostas que visem à solução de problemas (FRANCO, 1994).

Atualmente, a função desempenhada pela extinta COAGRI é realizada pela Secretária de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC, sendo a responsável por todo o ensino profissional do país.

Em 1982, é promulgada a Lei 7.044, responsável pela reforma da reforma do ensino profissionalizante, que passa a ser determinado como preparação para o trabalho como elemento de formação integral do estudante, obrigatória no 1º e 2º graus. A pedagogia é centrada no treinamento (tecnicismo) para o exercício da ocupação, isto é, memorização, repetição de tarefas para gerar destreza e rapidez na execução, incorporando os princípios da administração científica (Taylor e Fayol) combinada com princípios comportamentalistas.

A década de 90 foi marcada pelo neoliberalismo com o discurso da educação para empregabilidade retomando a lógica de que a maior capacidade do indivíduo, sua

qualificação e as competências que conseguir adquirir serão responsáveis pela sua inserção mais rápida no mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

A Lei 9.394 de 1996 (LDB) e suas medidas legais que a sucederam vêm promovendo profundas modificações no ensino profissional e coloca a educação profissional desvinculada da educação básica. O Decreto 2.208 de 17/04/1997 separou o ensino médio do ensino técnico, agrupou as disciplinas em módulos e introduziu o termo competência profissional como: “a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessárias para desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho” Resolução nº 04/99, art. 6º. Criou também as Diretrizes Curriculares Nacionais, centradas no conceito de competências por área. Inúmeras foram as estratégias adotadas pelas instituições de formação profissional para burlar o caráter de terminalidade dos cursos técnicos, permitindo que seus egressos ascendessem ao ensino superior, até a publicação do Decreto 5.154 de 23/07/2004 possibilitando, então a concomitância entre o ensino médio e o profissionalizante.

O Decreto nº 5.478 de 2005 institui o programa de integração da educação profissional ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

O Decreto nº 6.095/2007 estabelece diretrizes para o processo de integração de Instituições Federais de Educação Tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET, no âmbito da Rede Federal Tecnológica.

Segundo Freitas (2006), o perfil sociográfico de estudantes que ingressam em uma agrotécnica hoje, em parte, é resultado de uma histórica política educacional desde o tempo da colônia até as atuais exigências do mercado globalizado do trabalho, sendo necessário contextualizar as origens do ensino agrícola no Brasil e a conjuntura de seus variados fatores sociopolíticos e econômicos.

A origem socioeconômica e cultural vem sendo objeto de estudos pela Sociologia da Educação, em relacionar sua influência com o desempenho dos estudantes. Nesse contexto, a obra de Bourdieu (1975) tem contribuído muito para ampliar os estudos sobre a reprodução das desigualdades sociais por intermédio das instituições escolares de ensino. Sendo ainda citados os trabalhos de Pastore & Silva (2001) e Scalon (1999) que analisaram as estatísticas oficiais sobre educação e a escolarização no país, destacando sua influência na mobilidade social da população brasileira, mediante a massificação do sistema educacional e sua relação com a inserção no mercado de trabalho.

A contradição entre os objetivos da escola x clientela, principalmente no que se refere ao caráter terminal do ensino profissionalizante e o caráter propedêutico, podem ter explicação quando analisamos a consonância entre currículo, projeto político pedagógico e a legislação pertinente, PAULA (2004). Ainda muitos são os estudiosos que tem se referido sobre o trabalho em uma atividade social que vem garantindo a sobrevivência de indivíduos de ambos os gêneros e organizando o funcionamento da sociedade (MANFRED, 2002).

CAPITULO II METODOLOGIA

Segundo Alves (2003), a metodologia de pesquisa descritiva “ (...) descreve as características de uma população ou fenômeno ou ainda estabelece relações entre fenômenos (variáveis). Adotou-se como procedimento a coleta de dados, com uso da entrevista e da observação e, como recursos, os questionários e ou formulários entre outros”.

2.1 – ABORDAGEM QUANTITATIVA E QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Nesta pesquisa ocorreu uma triangulação de métodos quantitativos e qualitativos. A relação desejada entre o quantitativo e o qualitativo pode ser considerada complementar, ou seja, enquanto o quantitativo se ocupa de ordens de grandezas e as suas relações, o qualitativo é um quadro de interpretações para medidas ou a compreensão para o não quantificável. Para Minayo (1994), as relações entre as abordagens demonstram que: “as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas no mesmo projeto; que uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador a escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa; que a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares grupos específicos e universos simbólicos”. Para Ludke & André (1986), as abordagens quantitativas possibilitam a realização de análises estatísticas e, usualmente, a comparação e generalização de resultados. A desvantagem é que os levantamentos quantitativos não oferecem a mesma profundidade que os qualitativos. As pesquisas quantitativas, geralmente, empregam métodos como aplicação de questionários, coleta e processamento de informações quantitativas.

Na abordagem qualitativa procura-se captar o fenômeno em toda sua extensão, levantando possíveis variáveis relacionada ao fenômeno, utilizando-se da experiência do pesquisador como professor para avaliar o resultado obtido na pesquisa.

Segundo Ludke & André (1986), as abordagens qualitativas permitem o estudo de questões, casos ou eventos em maior profundidade, permitindo que o pesquisador conheça com maior riqueza as experiências estudadas. A desvantagem dessa abordagem é a impossibilidade de generalizar os resultados encontrados ou poder aplicá-los em outros casos, além do custo mais alto em relação às abordagens quantitativas. A pesquisa qualitativa geralmente emprega métodos com estudos em profundidade,

entrevistas, oficinas, observação, estudos de casos, pesquisa-ação e análise de documentos.

2.2 – POPULAÇÃO/ INSTRUMENTOS

A população foi representada pelo universo de estudantes matriculados que ingressaram em 2008 no Curso Técnico em Agropecuária, no CANP totalizando 89 estudantes em três turmas, no CTAIBB foram 67 estudantes em duas turmas.

Foram escolhidos para serem objeto desta pesquisa os estudantes que se encontravam presentes em sala de aula por ocasião da aplicação do questionário. O CANP contribuiu com uma amostra que representou 59,5% da população de ingressantes. Já o CTAIBB contribuiu com uma amostra que representou 71,6% da população de ingressantes.

A aplicação do questionário foi antecedida pela aplicação de um pré-teste, que levou a reelaboração de algumas questões do questionário definitivo (anexo 1). O questionário foi aplicado em ambas as instituições no segundo semestre de 2008, mais precisamente em setembro. Este período foi definido para que os estudantes tivessem tempo de conhecer a estrutura da escola.

Na análise documental dos anos de 2003 a 2007, utilizamos os dados contidos nas fichas cadastrais de matrícula de posse das secretarias, os quais nos forneceram informações relativas a: gênero, idade e quantidade de matrículas. Para a realização da análise adotamos como critério a escolha aleatória de uma única turma de ingressante por ano, que totalizou para o CANP 112 fichas referentes a 5 turmas no período de 5 anos e para o CTAIBB 189 fichas referentes a 5 turmas no período de 5 anos.

O acesso a essas fichas ocorreu com a autorização dos órgãos competentes (chefe da secretaria escolar do CANP e CTAIBB) sendo realizada no mês de janeiro de 2008.

Para tabular os resultados do questionário, bem como os da análise documental, foi utilizado o programa SPSS para a avaliação quantitativa (porcentagem) e elaboração de gráficos, como será evidenciado no Capítulo IV.

A entrevista semiestruturada foi realizada com os diretores (2), coordenadores gerais (2) e coordenadores do Curso Técnico em Agropecuária (2). Elaborou-se previamente um roteiro (anexo 3), para dar maior objetividade e não deixar de serem focados os pontos de relevância para a pesquisa. Optou-se pela entrevista semiestruturada, “que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado

rigidamente permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (Ludke & André, 1986).

Utilizou-se como recurso gravador de áudio para posterior transcrição e buscou-se, ainda, estimular a emissão de opiniões dos gestores com objetivo de identificar as percepções e as estratégias pretendidas em virtude da mudança no perfil dos estudantes. Na interpretação destas entrevistas utilizamos de uma análise qualitativa descrita na seção: A Visão do Gestor.

CAPITULO III: CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS

3.1 – ORIGEM DO COLÉGIO AGRÍCOLA NILO PEÇANHA – CANP

A história do CANP começa na Fazenda que pertenceu ao Comendador José Joaquim de Souza Breves, nascido em Resende-RJ, em 18 de outubro de 1790, filho de José de Souza Breves e de Maria Pimenta de Almeida Frazão.

José Joaquim casou-se com sua sobrinha Rita Clara de Moraes, filha de sua irmã Cecília Pimenta de Almeida Breves e do Barão de Pirahy, José Gonçalves de Moraes. O casal não teve descendentes.

Em testamento, feito em 1877, José Joaquim deixou sua fortuna para seus escravos e, ainda, algumas Apólices Federais cujos rendimentos deveriam ser aplicados em prêmios aos melhores livros editados para o ensino primário e para a educação religiosa, porém seu desejo não foi cumprido.

Com sua morte, em 1879, a Fazenda tomou os seguintes rumos conforme o quadro abaixo:

Ano	Acontecimento histórico
1891	Aquisição da Fazenda pela Receita Federal, e instalação do Serviço de Imigração.
1899	Transferência da Fazenda para o Ministério da Agricultura que instalou um Posto Zootécnico.
1910	Criação da Escola Média de Agronomia e Veterinária de Pinheiro.
1918	Transferência da Escola para a Praia Vermelha e no local inauguração de um curso complementar denominado "Patronato Agrícola", destinado à educação de menores desvalidos.
1934	Criação do Aprendizado Agrícola "Nilo Peçanha" através do Decreto nº 2.415 de 12/04/34.
1941	Transferência para o Município de Campos dos Goytacazes pelo Decreto nº 7.072, de 09/04/41 sob a denominação de "Aprendizado Agrícola Nilo Peçanha" (Ministério da Agricultura).
1947	Pelo Decreto nº 2.2506, de 22/01/47, foi o Aprendizado transferido definitivamente para Pinheiral, quando passou a denominar-se "Escola Agrícola Nilo Peçanha" para ministrar os cursos de Iniciação Agrícola e Mestria Agrícola, correspondente ao antigo curso Ginásial.
1956	Pelo Decreto nº 4.0269, de 05/11/56, passou a denominar-se "Escola Agrotécnica Nilo Peçanha".
1958 e 1960	Funcionou, em anexo, o curso de "Extensão e Economia Doméstica Rural".
1964	Desativação do Posto Zootécnico. Pelo Decreto nº 53.558, de 13/02/64, de acordo com legislações da época, passou a denominar-se "Colégio Agrícola Nilo Peçanha", assim passando do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação e Cultura.
1968	Pelo Decreto nº 62.178, de 25/01/68, vinculou-se a Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.
1980	O Ministério cede a Fazenda Pinheiro, antigo centro de Pesquisa Pecuária do Ministério da Agricultura, ao Colégio Agrícola do Rio de Janeiro ou à UFF.
1985	Cessão pelo Ministério da Agricultura de mais duas glebas de terras da Fazenda Pinheiro à UFF, pelo período de 20 anos incluindo-se a sede da Fazenda.
2008	Lei nº 11.892, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Desvinculação do CANP a UFF. Composição do IFRJ – Campus Nilo Peçanha – Pinheiral.

QUADRO 1 – Síntese dos acontecimentos históricos - CANP

Atualmente, no CANP, são oferecidos Ensino Médio, Curso Técnico em Agropecuária, Curso Técnico em Meio Ambiente, Curso Técnico em Agroindústria – PROEJA, Curso Técnico em Informática, Curso Técnico em Secretariado na modalidade presencial obrigatória e Curso Técnico em Gestão Pública, Curso Técnico em Lazer na modalidade de Educação à Distância, financiados por recursos orçamentários do MEC/ SETEC, FNDE, da UFF e do próprio colégio.

A área do colégio é composta por vinte unidades educativas de produção distribuídas pelos 316ha; A infraestrutura do colégio é organizada por meio das seguintes dependências físicas e divisões: Diretoria Geral, Diretoria Administrativa, Diretoria de Ensino, Diretoria de Produção, Setor de Execução Orçamentária e Financeira, Setor de Compras e Almoxarifado, Setor de Serviços Gerais com Carpintaria, Marcenaria, Serralheria, Transportes, Cozinha, Refeitório, Setor de Registros Escolares, Coordenação de Ensino e Produção, Coordenação de Ensino Médio, Coordenação de Ensino Técnico em Agropecuária, Coordenação de Meio Ambiente, Coordenação de Educação a Distância, Núcleo de Indústrias Rurais, Sala de Professores, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Residência Estudantil, Quadra de Esportes Descoberta, Campo de Futebol, Sanitários dentro e fora dos prédios, Salas de Aula, Auditório Multifuncional, Biblioteca (vinculada ao Núcleo de Documentação – NDC/UFF) e Residências Funcionais, etc..

Como referencial na região, podemos citar o aspecto educacional e cultural:

- **Educacional:** Única Escola a ministrar o Curso Técnico em Agropecuária no Sul do Estado do Rio de Janeiro - meso-região do Médio Paraíba.
- **Cultural:** Historicamente, no Sul do Estado está situado na área da primeira Fazenda regional de cultivo do café e fomento da criação de gado bovino na região. Alunos vindos de outras regiões do País contribuem para difusão de diferentes culturas.



QUADRO 2 – Vista geral da área central do CANP – ao fundo a Cidade de Pinheiral e o Rio Paraíba do Sul



QUADRO 3 – Fachada do prédio administrativo



QUADRO 4 – Unidade educativa de de ensino e produção de bovinocultura de leite – Estudantes em aula prática



QUADRO 5 - Unidade educativa de de ensino e produção módulo agroecológico - horta



QUADRO 6 – Laboratório de Informática – Estudantes em aula



QUADRO 7 – Sala de aula



QUADRO 8 – Refeitório



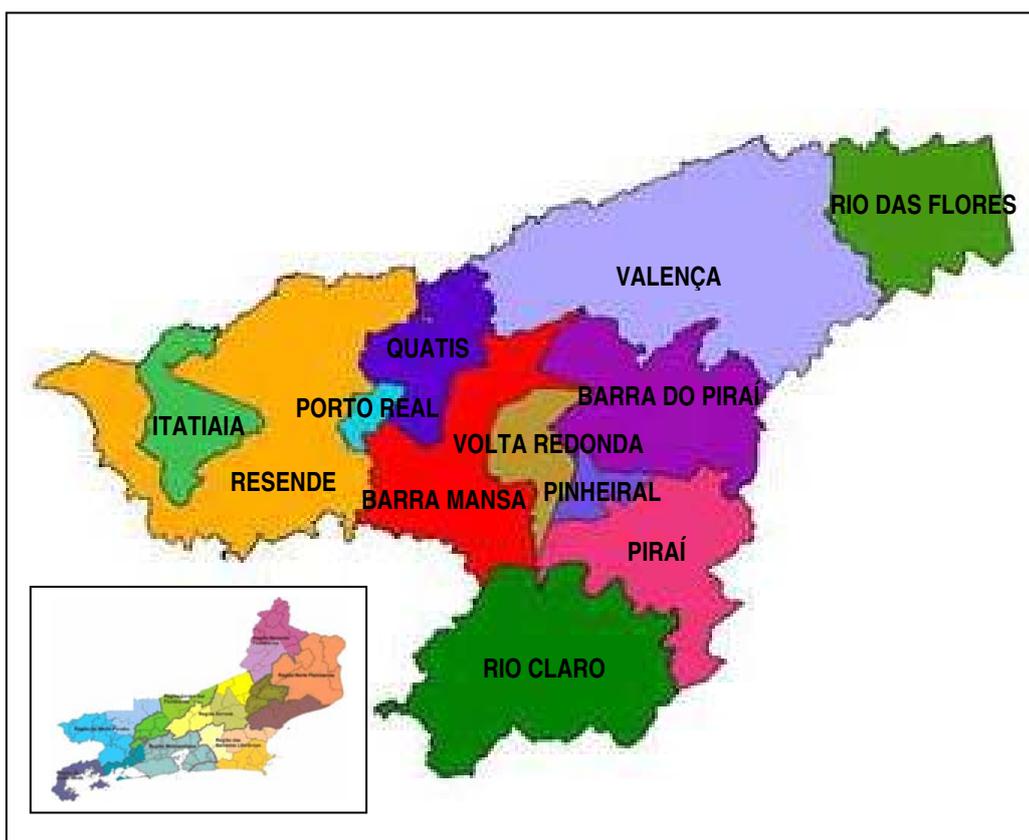
QUADRO 9 – Biblioteca

Os principais Eventos Culturais realizados no colégio são: EXPOCANP, Jogos Estudantis, Fórum de Debates entre Prefeitura e Colégio vinculados às Universidades, reunião com as prefeituras da região, participação nos Conselhos Municipais (de Saúde, de Agricultura, de Educação, de Esporte e Lazer, da Criança e do Adolescente) em conjunto com as seguintes entidades: APAE, Asilo de Idosos, Centro Espírita, Maçonaria, ROTARI, Associação de Bairros, com os Sindicatos dos Agricultores e com a Organização das Cooperativas do RJ.

Atualmente o Colégio Agrícola Nilo Peçanha está em processo de transição de seu órgão de subordinação (desvinculação da UFF), atendendo a uma Chamada Pública do Governo Federal para a composição do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

3.1.1 – CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO NA QUAL ESTÁ LOCALIZADO O CANP

O município de Pinheiral abrange uma área de 81km² e está localizado na região do Médio Vale do Paraíba Fluminense, no sul do Estado do Rio de Janeiro, entre as latitudes de 22°29' 03" e 22°35' 27" S, entre longitudes de 43°54' 49" e 44°04' 05" W e a uma altitude média de 420m. A bacia do Ribeirão Cachimbal faz parte da bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, situando-se na margem esquerda, onde ocupa uma área de aproximadamente 9.817 hectares compreendendo os municípios de Pinheiral (33,32%), Piraí (61,08%) e Volta Redonda-RJ (5,6%) (OLIVEIRA, 1998).



QUADRO 10 – Mapa Médio Vale do Paraíba do Estado do Rio de Janeiro

A região de Pinheiral é marcada pela sua vocação em agropecuária, tendo sido sede de uma das maiores fazendas produtoras de café do país; destacou-se por sediar, ao longo de sua história, instituições federais expressivas para o desenvolvimento da região. O município de Pinheiral tem atualmente sua população estimada em 20.885 habitantes (IBGE, 2007). No município de Pinheiral segundo levantamento de Solos (CANP/UFF e Departamento de Solos/UFRuralRJ, 1999) as unidades de mapeamento de solos predominantes são: Argissolos e Latossolos nas elevações e Gleissolos e Neossolos Flúvicos nas áreas de baixada, o que é característico do relevo predominantemente acidentado, denominado domínio de “mar de morros” (AB’ SABER, 1996). A principal atividade da região é a pecuária leiteira e de corte. Como atividade em expansão aparece a avicultura de corte e postura. Na produção vegetal sobressai a olericultura e as tradicionais lavouras de subsistência: feijão, milho, mandioca e banana.

3.2 – ORIGEM DO COLÉGIO TÉCNICO AGRÍCOLA ILDEFONSO BASTOS BORGES – CTAIBB

O Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges (UFF-CTAIBB) situado na cidade de Bom Jesus do Itabapoana – RJ foi criado através da Resolução nº 27/76 do Conselho Universitário da UFF. Tem sua organização e funcionamento disciplinado no regulamento aprovado pela Norma de Serviço nº 99, de 12/02/76.

O CTAIBB está situado à margem direita do Rio Itabapoana, em uma área de 48ha de várzea e pequenas elevações. A infraestrutura do colégio apresenta as principais dependências físicas e divisões: Diretoria Geral, Diretoria de Desenvolvimento de Ensino, Diretoria de Administração e Planejamento, Diretoria de Produção e Planejamento, Coordenação de administração e Finanças, Setor de Recursos Humanos, Setor de Almoxarifado, Setor de Patrimônio, Coordenação de Produção, Setor de Manutenção, Refeitório, Setor de Registros Acadêmico, Coordenação de Ensino Médio, Coordenação de Ensino Técnico em Agropecuária, Coordenação da Área profissional de Alimentos, Sala de Professores, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Residência Estudantil, Sanitários,, Salas de Aula, Auditório Multifuncional, Biblioteca (vinculada ao Núcleo de Documentação – NDC/UFF), etc..



QUADRO 11 – Vista geral da área central do **CTAIBB**



QUADRO 12 – Vista do prédio administrativo



QUADRO 13 – Unidade educativa de ensino e produção de Piscicultura



QUADRO 14 – Laboratório de Informática – estudantes em aula



QUADRO 15 – Sala de aula e Refeitório

O Colégio está inserido na região noroeste fluminense, tradicionalmente conhecida pelo seu atraso socioeconômico, segundo indicadores internacionais referentes ao I.D.H (ONU), Ministério da Integração Nacional (com dados estatísticos do IBGE e do Pnud - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e levantamento realizado pela Prefeitura Municipal de Bom Jesus do Itabapoana (Secretaria de Agricultura). Essa situação reflete-se nos setores produtivos da comunidade, justificando a existência deste Colégio como força propulsora do desenvolvimento do Setor Agropecuário da região, reconhecidamente obsoleto.

O CTAIBB iniciou suas atividades em abril de 1970, autorizado pela Decisão nº 45/70, do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Inicialmente, o CTAIBB foi mantido pela Fundação Educacional de Bom Jesus, uma entidade sem fins lucrativos e que se mantinha com recursos financeiros da Prefeitura Municipal.

O colégio ofereceu, inicialmente, o Curso Técnico de Agropecuária e o Curso Técnico de Economia Doméstica Rural. Atualmente, oferece o Ensino Médio e o Curso Técnico de Agropecuária em Nível Médio, nas modalidades ensino Integrado, em Concomitância Interna, Seqüencial e, ainda, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio (PROEJA), na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, atendendo à nova LDB e aos Decretos Presidenciais nº 5.154/2004 e nº 5.478/2005.

Em 1º de julho de 1973, a Fundação Educacional de Bom Jesus e a Prefeitura Municipal iniciaram contatos com a UFF no sentido de firmarem um Convênio que integrasse as atividades do CTAIBB aos programas da Universidade.

Em 1974, a UFF assinou convênio com a Fundação Educacional de Bom Jesus e instalou junto ao CTAIBB a Unidade Avançada Duque de Caxias e o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – CRUTAC – com o objetivo de interiorizar as atividades de extensão da Universidade.

Em 1976, a Resolução nº 27/76 do Conselho Universitário da UFF inseriu o CTAIBB na Faculdade de Educação do Centro de Estudos Sociais Aplicados.

A Norma de Serviço nº 282, de 16.09.83, assinada pelo Reitor, instituiu o Sistema Agro-UFF com vinculação à Pró-Reitoria de Extensão. A Coordenadoria do Sistema Agro-UFF definiu, entre seus objetivos, a integração dos Colégios Agrícolas com a Faculdade de Educação. Essa faculdade teria em vista a coordenação das atividades de ensino, bem como a supervisão dessas atividades.

A referida Norma de Serviço destacava ainda como objetivos do Sistema Agro-UFF: implantação de laboratórios de ensino e pesquisa; estímulo à capacitação de

recursos humanos para as atividades agropecuárias da região; assistência à comunidade rural; dinamização das áreas de produção; implementação do subsistema de cooperativismo e “integração UFF - COAGRI e outras agências/órgãos voltados para o ensino, a pesquisa e a extensão.”

Em 1991, por meio da DTS/PROEX nº 04 de 03.04.91, a Pró-Reitora de Extensão nomeou uma Comissão para que fossem efetuados estudos objetivando a reestruturação político-administrativa da PROEX. Como resultado desses estudos surgiu o Regimento da PROEX, aprovado pela Resolução nº 75/93, de 30.06.93.

O Regimento da PROEX revogou a Norma de Serviço que instituiu o Sistema Agro-UFF e em seu art. 4º, II,C, instituiu a Coordenadoria de Articulação Universidade-Comunidade em Atividades Agrárias e Meio-Ambiente, que tem dentre suas várias competências, “coordenar os programas de extensão relativos às atividades agrárias e de meio ambiente desenvolvidas pelas unidades rurais da Universidade.”

O Regimento colocou ainda como competência dessa Coordenadoria “estimular e promover a inter-relação entre os diferentes departamentos de Ensino e as Fazendas-Escolas e Colégios Agrícolas/UFF, através da utilização destes como espaço acadêmico, assim como dos benefícios de seus projetos de ensino-produção”.

O Colégio tem funcionado como elo de ligação dos vários setores da Universidade com o Noroeste Fluminense.

A instituição tem por finalidade promover a habilitação profissional em nível médio, no âmbito das ciências agrárias. Seus recursos são utilizados na prática de atividades de extensão e em atividades de aprendizagem, formando novos contingentes de profissionais na região, em uma ação decisiva para promover o interesse do homem pela terra, tendo em vista a rapidez com que se vinha verificando a migração de mão-de-obra rural para as grandes cidades. Sua ação educacional se amplia quando executa projetos de ensino-produção voltados para a tentativa de solucionar alguns problemas ambientais da região. (fonte arquivos do CTAIBB).

3.2.1 – CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO NA QUAL ESTÁ LOCALIZADO O

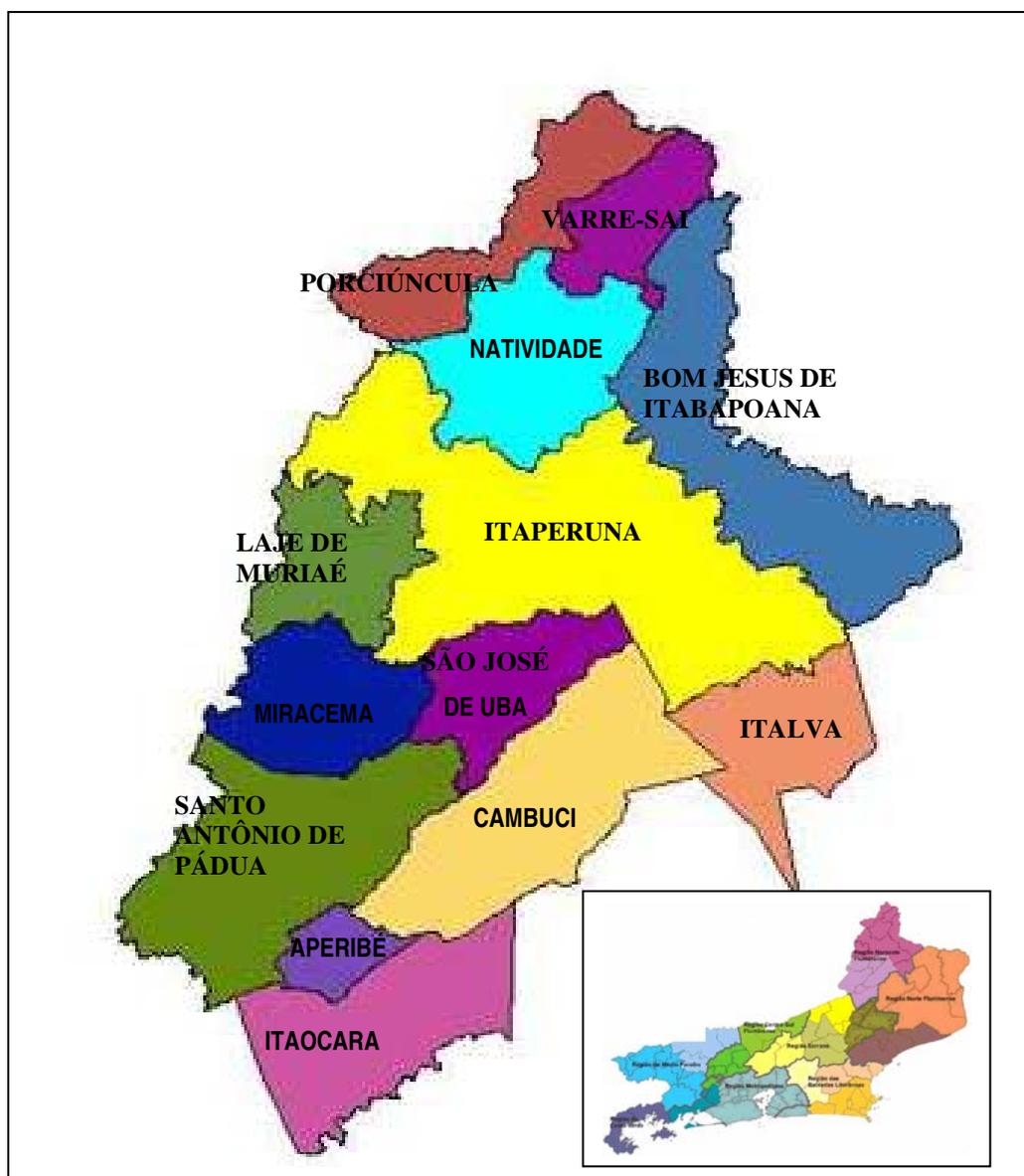
CTAIBB

O Município de Bom Jesus do Itabapoana abrange uma área de 600,5km² e está localizado na divisa com Estado do Espírito Santo, é banhado pelo Rio Itabapoana, no noroeste do Estado do Rio de Janeiro, na latitude de -21°08' 02" e longitude de 41°40' 47" e a uma altitude média de 88m. A bacia do Rio Itabapoana (4.887Km²) é composta basicamente por um dominó de montanhas que cobre 25.9% da área da bacia e que ao

sul atua como divisor de água em relação a bacia do Rio Paraíba do Sul e ao Norte em relação a bacia do Rio Itapemirim.

Os Municípios que compõem o Noroeste Fluminense são: Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Lajes do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antonio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai.

As terras de Bom Jesus do Itabapoana pertenceram às Capitânicas de São Tomé, ou Paraíba do Sul, do Espírito Santo. Entretanto, os primeiros desbravadores se fixaram na região por volta de 1842 e formaram a povoação de Bom Jesus da Cachoeira Alegre que, mais tarde, devido à proximidade do Rio Itabapoana, passou a denominar-se Bom Jesus do Itabapoana.



QUADRO 16 – Mapa Noroeste do Estado do Rio de Janeiro

A região de Bom Jesus do Itabapoana é marcada pela sua vocação em agropecuária, O município tem atualmente sua população estimada em 33.655 habitantes (IBGE, 2007). As unidades de mapeamento de solos predominantes são: Argissolos, Latossolos e Neossolos Flúvicos nas áreas de várzeas. A principal atividade da região é a pecuária leiteira, de corte e piscicultura. Na produção vegetal sobressai as tradicionais lavouras de subsistência, além das lavouras de café, arroz e milho.

CAPITULO IV: MUDANÇA NO PERFIL SOCIOGRÁFICO

4.1 - ANÁLISE DO GÊNERO, IDADE E LOCALIDADE

Uma primeira aproximação do perfil da nossa população efetivou-se a partir da análise dos dados obtidos junto às fichas cadastrais no período de 2003 a 2007 e do resultado do questionário aplicado aos ingressantes em 2008.

4.1.1 - Gênero

Ao começar pelo CANP, verificamos o comportamento da variável gênero. Do total de estudantes ingressantes nos últimos 5 anos, observa-se que 52,7% são do gênero masculino e 47,3% são de gênero feminino (tab. 1, fig. 1).

Analisando-se os dados do CTAIBB, do total de estudantes ingressantes nos últimos 5 anos, observa-se que 64,0% são do gênero masculino, e 36,0% são de gênero feminino (tab.1, fig 1).

Tabela 1. Distribuição de gênero dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** nos últimos 5 anos, no Curso Técnico em Agropecuária.

Gênero		Frequência	Percentual	Percentual válido
CANP	Feminino	53	47,3	47,3
	Masculino	59	52,7	52,7
	Total	112	100,0	100,0
CTAIBB	Feminino	68	36,0	36,0
	Masculino	121	64,0	64,0
	Total	189	100,0	100,0

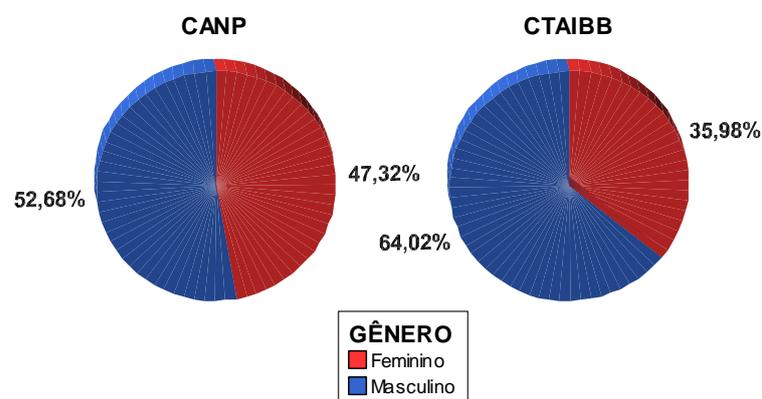


Figura 1. Percentual de gênero dos ingressantes dos últimos 5 anos do **CANP e CTAIBB**.

No que se refere aos ingressantes de 2008 do CANP, percebe-se uma distribuição equilibrada na variável gênero, pois 49,1% são do gênero masculino e 49,1% são do gênero feminino (tab. 2, fig 2).

No CTAIBB em 2008 observa-se uma predominância no gênero feminino, pois: 37,5% são do gênero masculino e 62,5% são de gênero feminino (tab. 2, fig 2).

Tabela 2. Distribuição de **gênero** dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** em **2008**.

Gênero		Frequência	Percentual	Percentual Válido
CANP	Feminino	26	49,1	50,0
	Masculino	26	49,1	50,0
	Total	52	98,1	100,0
	Branco	1	1,9	
	Total	53	100,0	
CTAIBB	Feminino	30	62,5	62,5
	Masculino	18	37,5	37,5
	Total	48	100,0	100,0

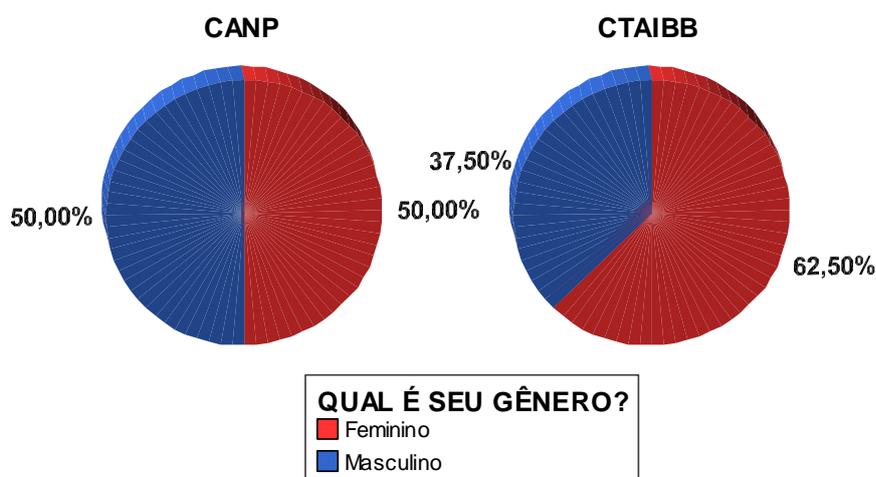


Figura 2. Percentual de **gênero** dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** em **2008**

É possível observar no CANP, no período decorrido entre o ano de 2003 – 2007 que o ingresso de estudantes do gênero feminino foi maior que no CTAIBB (fig. 3). Porém no ano de 2008 o ingresso de meninas no CTAIBB (62,5%), foi maior do que no CANP (49,1%) conforme observado na tab. 2.

O CTAIBB apresenta para o mesmo período uma predominância masculina (fig.3), conseqüência talvez da distância de centros urbanos; por possuir características regionais mais agrícolas do que o CANP, onde o tradicionalismo cultural é mais marcante, liberando mais o homem do que a mulher. Entretanto no ano de 2008 o ingresso de meninas foi mais expressivo (62,5%) do que o ingresso de meninos (37,5%) (tab. 2).

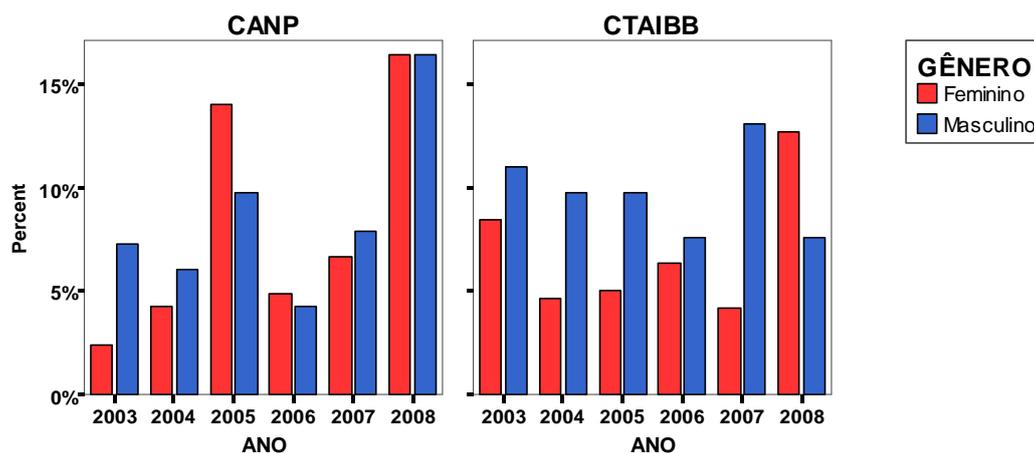


Figura 3. Distribuição do gênero dos ingressantes por ano.

4.1.2 - Idade

Na observação da variável idade no CANP, verifica-se uma ampla faixa etária que varia dos 15 aos 55 anos no período de 2003 a 2007 (tab. 3, fig. 4), com destaque para as idades de 15 anos 14,3%; 16 anos 24,1%; 17 anos 25,0% , 18 anos 13,4% e 19 anos 9,8%.

No CTAIBB, no mesmo período, a faixa etária apresenta-se mais concentrada entre 14 a 19 anos com destaque para as idades de 15 anos 49,2%; 16 anos 36,5% e 17 anos 10,1% (tab. 3, fig. 4).

Segundo Bourdieu, citado por Nogueira e Catani (2007), as escolhas a respeito sobre o destino escolar são cada vez mais precoces, e acabam por se refletirem mais tarde, por meio de frustração advinda desta escolha. Isto pode ser explicado pelo aumento de jovens com idade reduzida que ingressam nos cursos técnicos.

Tabela 3. Idade dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** dos últimos 5 anos, no Curso Técnico em Agropecuária.

ESCOLA	IDADE	ANO					TOTAL
		2003	2004	2005	2006	2007	
CANP	15	2	0	0	1	13	16
	16	5	3	10	4	5	27
	17	3	8	11	4	2	28
	18	3	2	5	3	2	15
	19	3	1	4	3	0	11
	20	0	0	1	0	0	1
	21	1	0	2	0	0	3
	22	0	0	4	0	0	4
	23	0	1	0	0	0	1
	24	0	0	1	0	0	1
	28	0	1	0	0	0	1
	34	0	0	1	0	0	1
	39	0	0	0	0	1	1
	40	0	1	0	0	0	1
	55	0	0	0	0	1	1
	Total	17	17	39	15	24	112
CTAIBB	14	0	1	0	0	0	1
	15	19	21	17	17	19	93
	16	19	9	14	13	14	69
	17	6	2	3	2	6	19
	18	2	0	0	1	2	5
	19	0	1	0	0	0	1
	20	0	0	1	0	0	1
	Total	46	34	35	33	41	189

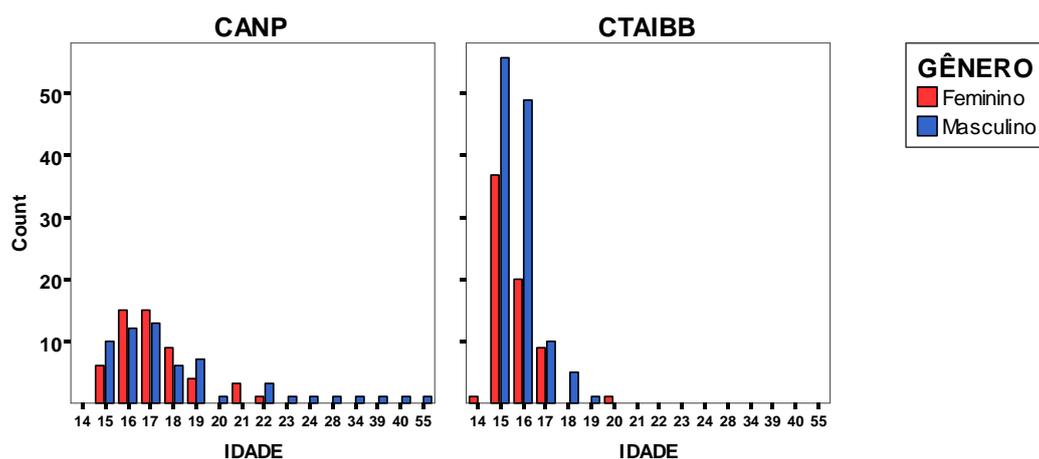


Figura 4. Idade por gênero dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** nos últimos 5 anos.

Os ingressantes do CANP em 2008 apresentam faixa etária que varia dos 13 aos 19 anos com destaque para as idades de 14 anos (44,2%); 15 anos (28,8%); 16 anos (11,5%) e 17 anos 7,7% (tab. 4, fig. 5).

No CTAIBB em 2008 a faixa etária dos ingressantes varia dos 13 aos 16 anos com destaque para as idades de 14 anos 43,7%; 15 anos 45,8% (tab. 4, fig. 5).

Tabela 4. Idade por gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

ESCOLA	IDADE	GÊNERO		TOTAL
		FEMININO	MASCULINO	
CANP	13	0	1	1
	14	9	14	23
	15	6	9	15
	16	5	1	6
	17	3	1	4
	18	2	0	2
	19	1	0	1
	Total		26	26
CTAIBB	13	0	1	1
	14	13	8	21
	15	14	8	22
	16	3	1	4
	Total	30	18	48

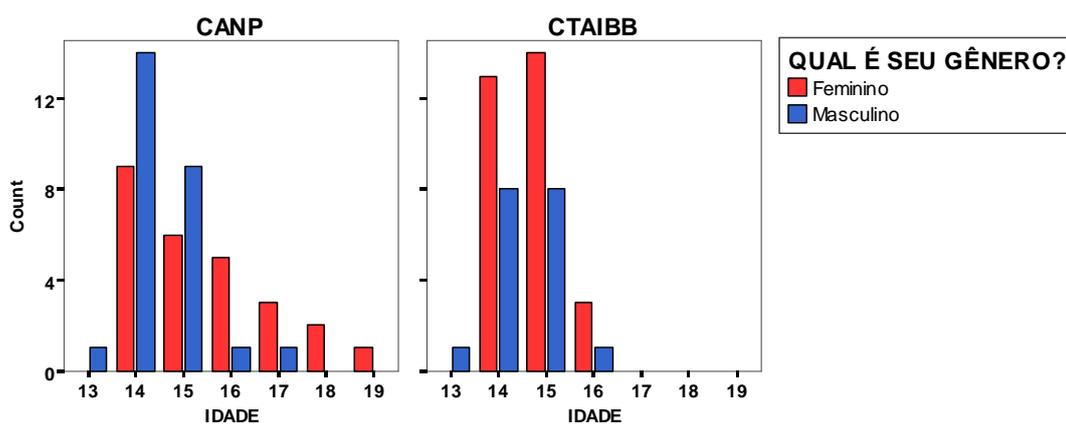


Figura 5. Idade por gênero dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

4.1.3 - Origem/localidade

Na apresentação da variável origem verifica-se entre os estudantes do CANP uma distribuição entre 17 municípios no período de 2003 a 2007 (tab. 5, fig. 6); sendo os municípios mais expressivos: Volta Redonda 34,8%; Pinheiral 21,4% e Barra do Pirai 17,0%. Consta-se ainda que dos estudantes oriundos dos três municípios com maiores percentuais a maioria é do gênero feminino (fig.6). Cabe ressaltar que os municípios de Volta Redonda e Barra do Pirai são grandes centros urbanos da região Sul Fluminense fazendo divisa com Pinheiral, onde está situado o CANP.

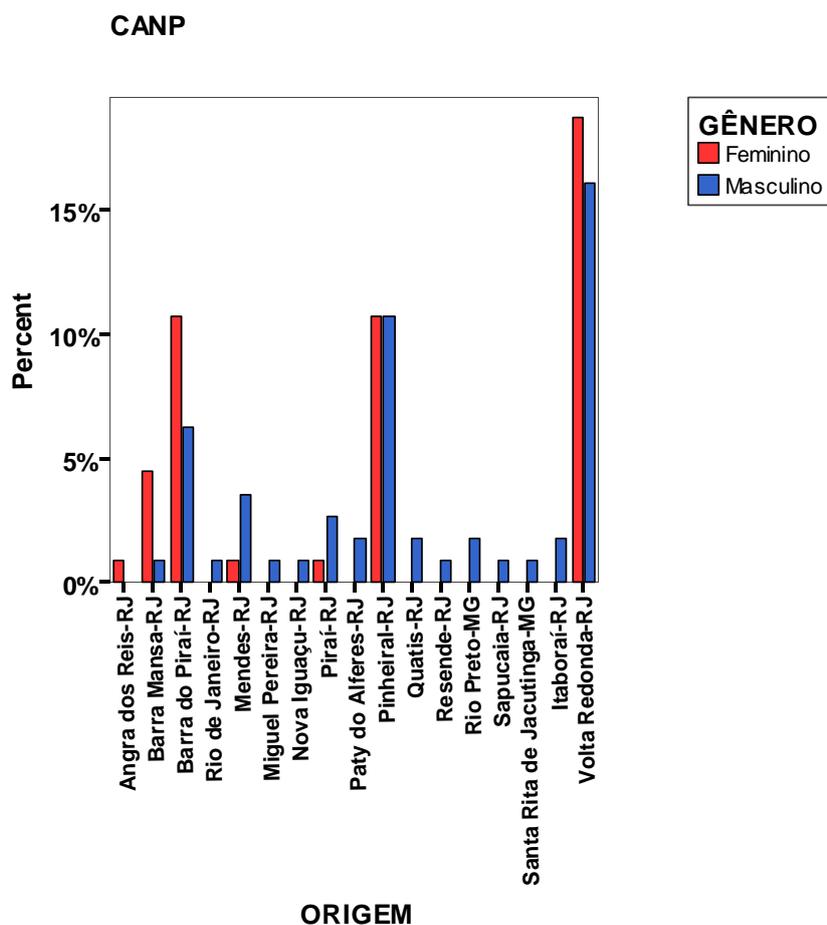


Figura 6. Gênero por origem, dos ingressantes do CANP nos últimos 5 anos.

No CTAIBB no mesmo período observa-se para a variável origem uma distribuição entre 20 municípios (tab. 5, fig. 7) sendo os mais expressivos: Bom Jesus do Itabapoana 52,4%; Guaçuí 7,9% e Apiacá 7,4%. Pode-se ainda constatar que os estudantes oriundos dos diferentes municípios são na grande maioria do gênero masculino exceto em Bom Jesus do Norte. Este município apresenta maior percentual de estudantes do gênero feminino (fig. 7), entre os municípios atendidos pelo CTAIBB observa-se uma maior presença de meninas, que ainda não chega a superar a dos meninos nos municípios de: Bom Jesus do Itabapoana e Campos estas são localidades mais desenvolvidas e urbanas.

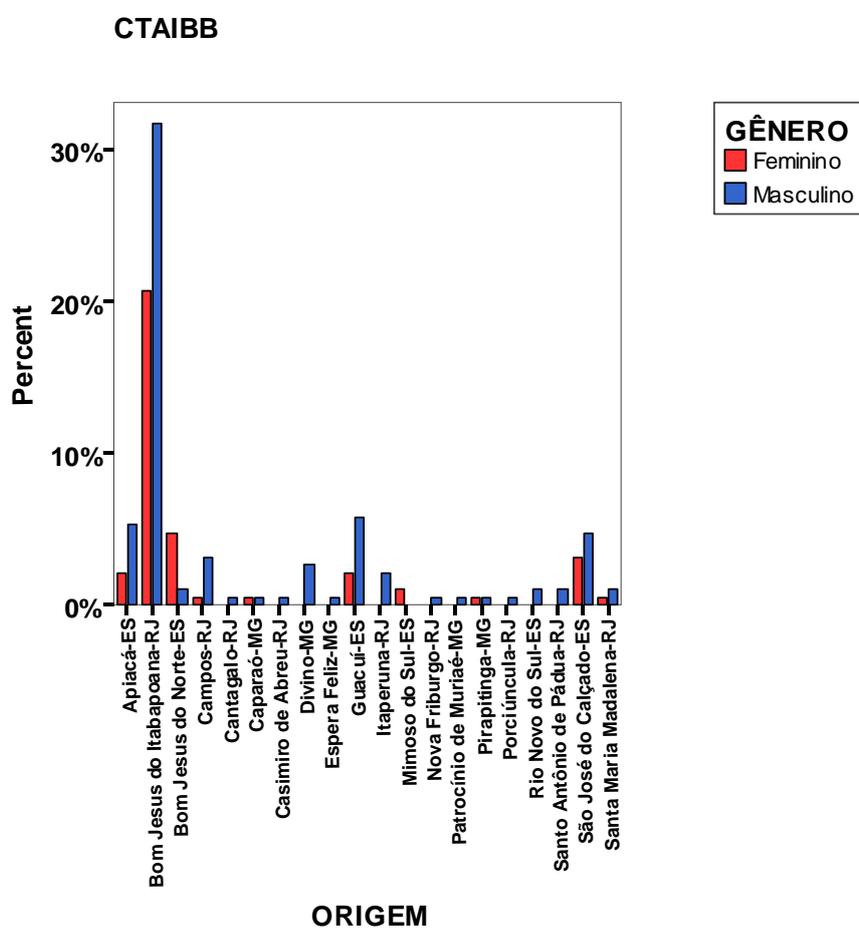


Figura 7. Gênero por origem, dos ingressantes do CTAIBB nos últimos 5 anos

Tabela 5. Distribuição por **origem** dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** dos últimos **5 anos**, no Curso Técnico em Agropecuária.

Origem		Freqüência	Percentual	Percentual Valido
C A N P	01 Angra dos Reis-RJ	1	0,9	0,9
	02 Barra Mansa-RJ	6	5,4	5,4
	03 Barra do Piraí-RJ	19	17,0	17,0
	04 Rio de Janeiro-RJ	1	0,9	0,9
	05 Mendes-RJ	5	4,5	4,5
	06 Miguel Pereira-RJ	1	0,9	0,9
	07 Nova Iguaçu-RJ	1	0,9	0,9
	08 Piraí-RJ	4	3,6	3,6
	09 Paty do Alferes-RJ	2	1,8	1,8
	10 Pinheiral-RJ	24	21,4	21,4
	11 Quatis-RJ	2	1,8	1,8
	12 Resende-RJ	1	0,9	0,9
	13 Rio Preto-MG	2	1,8	1,8
	14 Sapucaia-RJ	1	0,9	0,9
	15 Santa Rita de Jacutinga-MG	1	0,9	0,9
	16 Itaboraí-RJ	2	1,8	1,8
	17 Volta Redonda-RJ	39	34,8	34,8
Total		112	100,0	100,0
C T A I B B	01 Apiacá-ES	14	7,4	7,4
	02 Bom Jesus do Itabapoana-RJ	99	52,4	52,4
	03 Bom Jesus do Norte-ES	11	5,8	5,8
	04 Campos-RJ	7	3,7	3,7
	05 Cantagalo-RJ	1	0,5	0,5
	06 Caparaó-MG	2	1,1	1,1
	07 Casimiro de Abreu-RJ	1	0,5	0,5
	08 Divino-MG	5	2,6	2,6
	09 Espera Feliz-MG	1	0,5	0,5
	10 Guacuí-ES	15	7,9	7,9
	11 Itaperuna-RJ	4	2,1	2,1
	12 Mimoso do Sul-ES	2	1,1	1,1
	13 Nova Friburgo-RJ	1	0,5	0,5
	14 Patrocínio de Muriaé-MG	1	0,5	0,5
	15 Pirapitinga-MG	2	1,1	1,1
	16 Porciúncula-RJ	1	0,5	0,5
	17 Rio Novo do Sul-ES	2	1,1	1,1
	18 Santo Antônio de Pádua-RJ	2	1,1	1,1
	19 São José do Calçado-ES	15	7,9	7,9
	20 Santa Maria Madalena-RJ	3	1,6	1,6
Total		189	100,0	100,0

Na análise dos dados para os ingressantes do CANP em 2008 ocorreu uma predominância na distribuição geográfica entre, 11 municípios (tab. 6, fig. 8), sendo as localidades mais expressivas: Volta Redonda 32,1%; Barra do Pirai 18,9%, Barra Mansa e Pinheiral com 13,2%.

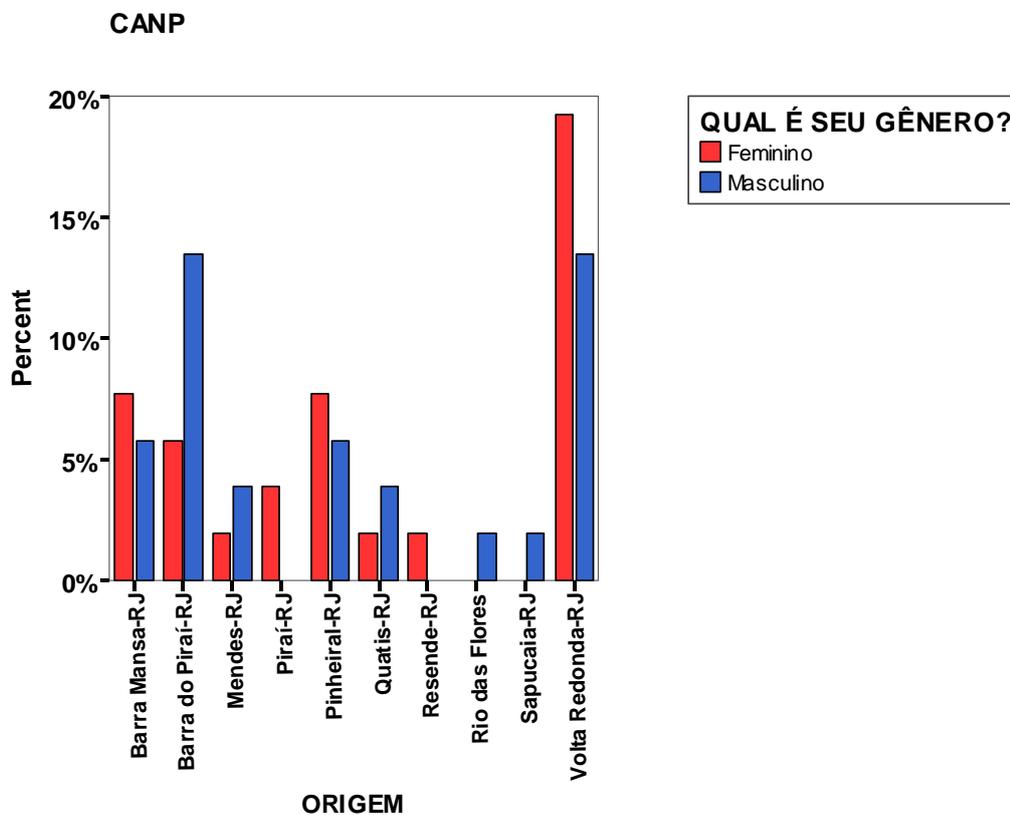


Figura 8. Gênero por origem, dos ingressantes do CANP em 2008.

Na distribuição geográfica de origem dos estudantes do CTAIBB em 2008, ocorreu a predominância de 10 municípios (tab. 6, fig. 9), sendo as localidades mais expressivas as de **Bom Jesus Itabapoana** 39,6%; **São José do Calçado** 20,8%, **Apiacá** 12,5%, seguida de **Bom Jesus do Norte** 10,4%.

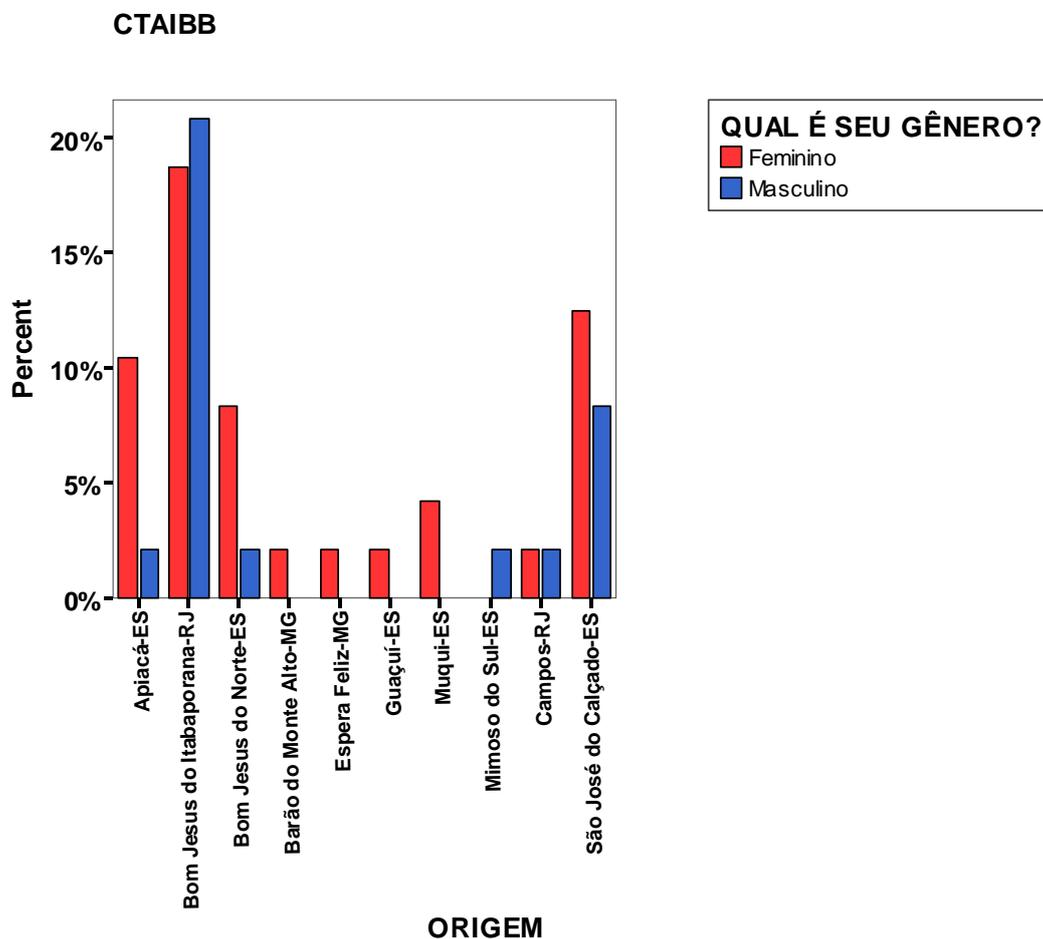


Figura 9. Gênero por origem, dos ingressantes do CTAIBB em 2008.

Tabela 6. Distribuição por **origem** dos ingressantes do **CANP e CTAIBB** em **2008**, no Curso Técnico em Agropecuária.

Origem		Freqüência	Percentual	Percentual Valido
C A N P	01 Barra Mansa-RJ	7	13,2	13,2
	02 Barra do Piraí-RJ	10	18,9	18,9
	03 Mendes-RJ	3	5,7	5,7
	04 Piraí-RJ	2	3,8	3,8
	05 Pinheiral-RJ	7	13,2	13,2
	06 Quatis-RJ	3	5,7	5,7
	07 Resende-RJ	1	1,9	1,9
	08 Rio das Flores	1	1,9	1,9
	09 Rio de Janeiro-RJ	1	1,9	1,9
	10 Sapucaia-RJ	1	1,9	1,9
	11 Volta Redonda-RJ	17	32,1	32,1
Total		53	100,0	100,0
C T A I B B	01 Apiacá-ES	6	12,5	12,5
	02 Bom Jesus do Itabaporana-RJ	19	39,6	39,6
	03 Bom Jesus do Norte-ES	5	10,4	10,4
	04 Barão do Monte Alto-MG	1	2,1	2,1
	05 Espera Feliz-MG	1	2,1	2,1
	06 Guaçuí-ES	1	2,1	2,1
	07 Muqui-ES	2	4,2	4,2
	08 Mimoso do Sul-ES	1	2,1	2,1
	09 Campos-RJ	2	4,2	4,2
	10 São José do Calçado-ES	10	20,8	20,8
Total		48	100,0	100,0

Os estudantes ingressantes de 2008 do CANP, no que se refere ao local onde residem, declaram na pesquisa: ser de zona urbana 83,02% e de zona rural 16,98 (fig. 10).

Já os estudantes ingressantes de 2008 do CTAIBB, declaram-se ser de zona urbana 79,17% e de zona rural 20,83% (fig. 10).

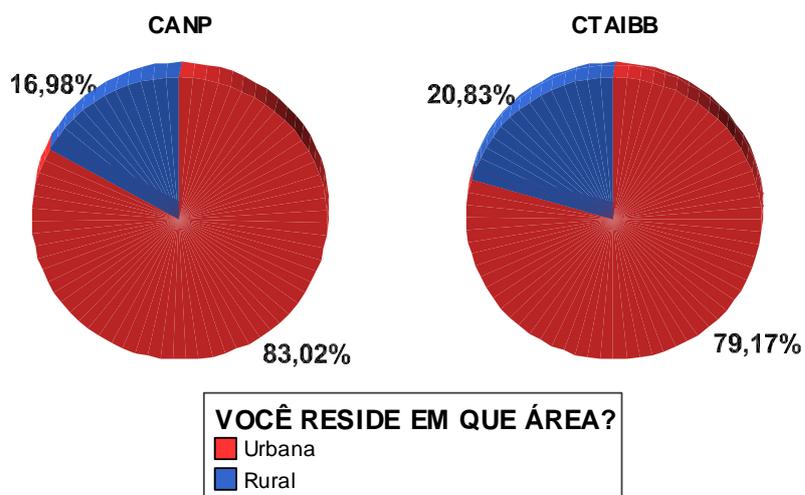


Figura 10. Percentual ingressantes que **residem em zona urbana e zona rural** do **CANP e CTAIBB em 2008.**

Confrontando os dados obtidos das fichas cadastrais no período de 2003 a 2007 com o questionário aplicado aos ingressantes de 2008, constata-se que no CANP, no período decorrido entre o ano de 2003 – 2007 no que se refere a variável gênero, o percentual de ingresso de meninas foi maior do que no CTAIBB. Já em 2008, observa-se que o ingresso de meninas no CTAIBB foi mais expressivo que no CANP. Na variável idade existe uma maior amplitude etária entre os estudantes do CANP em relação ao CTAIBB o que se manteve no ano de 2008. A explicação para este fato pode estar atribuída a uma maior proximidade dos grandes centros urbanos como Volta Redonda, Barra do Piraí e Barra Mansa. Esses municípios, acrescidos de Pinheiral tanto no período de 2003 – 2007 quanto no ano de 2008, são os que mais contribuem no quantitativo de estudantes do CANP. Nessa região, fatores referentes ao preconceito de meninas frequentarem um Curso Técnico em Agropecuária já se encontrariam mais dissolvidos pela comunidade regional, assim como a maior idade em retornar aos bancos escolares ou a necessidade de requalificação dessas pessoas.

O CTAIBB apresenta para o mesmo período uma predominância masculina, conseqüência, talvez, de sua não proximidade com centros urbanos e, também, por possuir características regionais mais agrícolas do que o CANP onde o tradicionalismo cultural é mais marcante, liberando mais o homem do que a mulher. Esse colégio apresenta uma faixa etária de estudantes mais concentrada e homogênea, o que pode

facilitar na enturmação dos estudantes e no processo de ensino-aprendizagem. Observa-se, ainda, uma tendência à redução no que se refere à entrada do gênero feminino. O que não foi verificado no ano de 2008, visto que percentual de ingresso de meninas foi maior. Diferentemente do CANP, o CTAIBB atende um número significativo de estudantes do município onde está situado. Além de atender a diversos municípios de outros estados, principalmente do Espírito Santo.

Em ambas as escolas é marcante a presença de estudantes com faixa etária próxima dos 15 anos que, ao concluírem o Curso Técnico, ainda não possuem idade para ingressar no mercado de trabalho, o que pode ser fator determinante para o ingresso no ensino superior.

4.2 – PERFIL SOCIOECONÔMICO

Os resultados apresentados decorrem da análise dos dados obtidos por meio da aplicação do questionário aos ingressantes de 2008 do CANP e CTAIBB. Nesse aspecto, buscou-se identificar elementos como: renda familiar, origem escolar, acesso ao computador, acesso à internet e gratuidade no transporte escolar, tendo como objetivo identificar o perfil socioeconômico dos ingressantes.

4.2.1 - Renda

O processo de democratização do sistema educacional brasileiro, passa necessariamente pela incorporação de estudantes oriundos de famílias de baixa renda. Não basta, entretanto, assegurar-lhes o acesso, é preciso considerar o compromisso efetivo do Estado. Portanto a democratização do Ensino pressupõe a criação de condições concretas de permanência de todos os estudantes, até a conclusão do curso, por meio da formulação de programas que busquem atenuar os efeitos das desigualdades existentes, provocadas pelas condições da estrutura social e econômica. Por meio da identificação do perfil socioeconômico podemos verificar, inclusive, se há relação entre o nível socioeconômico e a razão da escolha pelo curso.

Segundo Damaceno (1986), "... estudos realizados evidenciam o cunho ideológico da seletividade escolar a partir das aptidões naturais, tendo em vista que as aptidões não são características inatas e sim produto da socialização a que o indivíduo é submetido, associadas, portanto, às condições materiais e culturais específicas de cada grupo social. Isto significa que, em última instância, o determinante principal das diferenças intelectivas é a situação de classe do indivíduo".

Ao verificar a variável renda constatou-se no CANP que trinta e sete vírgula vinte e cinco por cento (37,25%) dos estudantes declararam possuir renda mensal familiar até 3 salários, entre 4 a 5 salários - 25,49%, entre 6 a 7 salários - 23,53%, entre 8 a 9 salários 9,8% e acima de 10 salários - 3,92% (fig. 11).

No CTAIBB, quarenta e quatro vírgula dezenove por cento (44,19%) dos estudantes declararam possuir renda mensal familiar até 3 salários, entre 4 a 5 salários 25,58%, entre 6 a 7 salários 20,93%, entre 8 a 9 salários 4,65% e acima de 10 salários 4,65% (fig. 11).

Pelas informações obtidas nesta pesquisa, em ambas as instituições um percentual elevado de estudantes com renda mensal familiar até três salários mínimos conseguiu ingressar no curso técnico em agropecuária, de modo que o resultado serve para ilustrar que a mobilidade social acontece, inclusive por mérito, pois alguns conseguem superar as defasagens e ascendem nos estudos. Entretanto, não se pode generalizar. Embora estejam na categoria de menor renda, adquiriram capital social e cultural, semelhante as dos concorrentes, porque conseguiram aprovação no processo seletivo dos colégios.

A mobilidade social ascendente evidencia-se quando os ingressantes oriundos de famílias com baixa renda familiar e baixo nível de escolaridade, conseguem ingressar em cursos, mesmo que em cursos de menor prestígio social. Na conclusão do curso, adquirem status social superior ao dos membros de sua família.

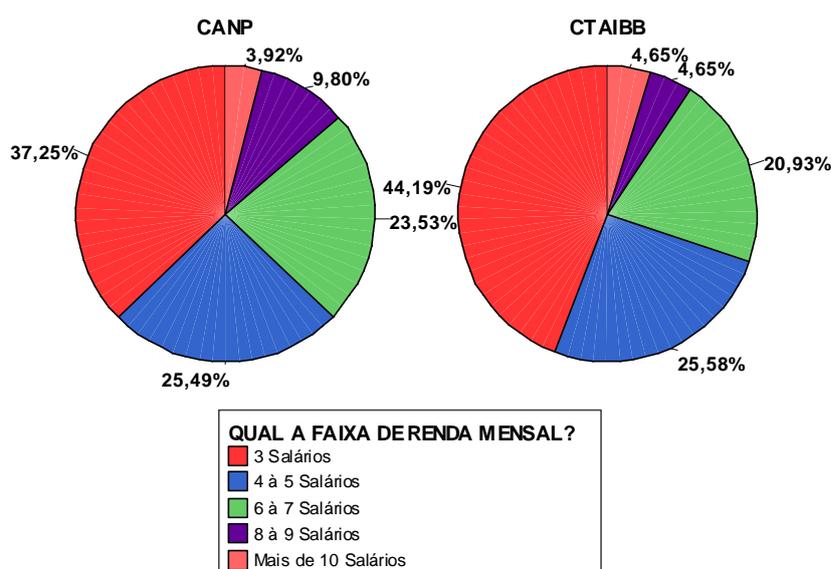


Figura 11. Percentual (%) da **renda mensal familiar** dos ingressantes do **CANP** e **CTAIBB** em 2008.

4.2.2 – Origem escolar e renda familiar

Ao verificarmos a origem escolar dos ingressantes no CANP, constatamos que os estudantes que frequentaram o ensino todo em escola pública totalizam 58,5%, todo em escola particular 18,9%, maior parte em escola pública 7,5%, maior parte em escola particular 5,7% e metade em escola particular e metade em escola pública 9,4% (tab. 7). Há que se considerar também, que aqueles que freqüentaram o ensino todo em escola pública: 41,9% possuem renda familiar até 3 salários, 25,8% renda entre 4 à 5 salários, 25,8% renda entre 6 à 7 salários, 3,2% renda entre 8 à 9 salários e 3,2% renda acima de 10 salários (tab. 8).

Para os ingressantes do CTAIBB predominou na origem escolar os estudantes que freqüentaram o ensino todo em: escola pública 68,8%, em escola particular 16,7%. Maior parte em escola pública 8,3%, maior parte em escola particular 4,2% e metade em escola particular e metade em escola pública 2,1% (tab. 7). Há de se considerar também, que aqueles que freqüentaram o ensino todo em escola pública 59,4% são os que possuem renda familiar até 3 salários, 28,1% renda entre 4 a 5 salários, 12,5% renda entre 6 a 7 salários (tab. 8).

Segundo Maria Alice Nogueira (2004), os estudos sobre trajetórias mostram que, de um modo geral, as carreiras escolares vão construindo-se por etapas e que é ao longo do tempo que o valor escolar de um indivíduo vai constituindo-se e adquirindo consistência, de forma a possibilitar, em determinados momentos, algum prognóstico quanto ao futuro do percurso dentro do sistema de ensino.

Além disso, as trajetórias escolares dos ingressantes pesquisados adquirem especial relevância, visto que demonstram que a maior parte da trajetória escolar desses estudantes ocorreu em escolas públicas. Esse quadro demonstra que é o setor público o grande detentor da escolarização do ensino fundamental no país.

Tabela 7. Origem escolar dos ingressaram do CANP e CTAIBB em 2008.

Origem escolar		Frequência	Percentual	Percentual Válido
C	Escola Pública	31	58,5	58,5
	Escola Particular	10	18,9	18,9
A	Maior parte em Escola Pública	4	7,5	7,5
N	Maior parte em Escola Particular	3	5,7	5,7
P	Metade Pública e Metade Particular	5	9,4	9,4
Total		53	100,0	100,0
C	Escola Pública	33	68,8	68,8
	Escola Particular	8	16,7	16,7
A	Maior parte em Escola Pública	4	8,3	8,3
I	Maior parte em Escola Particular	2	4,2	4,2
B	Metade Pública e Metade Particular	1	2,1	2,1
B	Particular	1	2,1	2,1
Total		48	100,0	100,0

Tabela 8. Renda familiar X Origem escolar dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

RENDA FAMILIAR		ORIGEM ESCOLAR					Total
		Todo Escola Pública	Todo Escola Particular	Maior parte em Escola Pública	Maior parte em Escola Particular	Metade Pública e Metade Particular	
CANP	3 Salários	13	2	4	1	0	20
	4 a 5 Salários	8	3	0	0	2	13
	6 a 7 Salários	8	3	0	0	1	12
	8 a 9 Salários	1	1	0	1	2	5
	Mais de 10 Salários	1	1	1	0	0	3
	Total	31	10	5	2	5	53
	CTAIBB	3 Salários	19	0	2	0	0
4 a 5 Salários		9	1	2	0	1	13
6 a 7 Salários		4	5	0	1	0	10
8 a 9 Salários		0	1	0	1	0	2
Mais de 10 Salários		0	1	1	0	0	2
Total		32	8	5	2	1	48

4.2.3 – Renda, computador e acesso a internet

As instituições de ensino, atualmente, estão tendo que se adaptar a essa nova realidade e estão implantando laboratórios de informática em suas instalações. No caso do CANP e CTAIBB, ambos oferecem aos seus estudantes condições para que possam se familiarizar com o ambiente da informática e da Internet. Os estudantes têm a disciplina Informática na matriz curricular do curso, além de fazerem pesquisas para seus trabalhos escolares pela Rede. Como hoje existe um percentual significativo que ainda não possui seus próprios computadores - ou mesmo possuindo, não tem acesso à Internet, as escolas investiram em laboratórios especializados para esse fim. Essa adequação dos colégios é importante, principalmente, para os estudantes de menor renda familiar que não têm como dispor de computador e linha telefônica em casa, que no CANP representam 13,7% e no CTAIBB totalizam 32,5% e conseguem a inclusão digital, por meio das escolas.

O Brasil tem condições de superar esse atraso, entretanto, para que isso de fato ocorra, é preciso começar a fazê-lo hoje, ou melhor, ontem. Do contrário, as gerações vindouras continuarão com elevado índice de exclusão da era digital. A inclusão digital tem um tripé que compreende acesso à educação, renda e TIC's. A ausência de qualquer um desses pilares significa deixar a população brasileira permanecer na condição de mera aspirante a inclusão digital. Dentro deste contexto, considera-se que a inclusão digital é necessária a fim de possibilitar a toda a população, por exemplo, o usufruto dos mais variados serviços prestados via Internet. Hoje em dia, ter acesso a Internet significa acesso a um vasto banco de informações e serviços.

Confrontando os dados renda, computador e acesso a internet, percebe-se que no CANP a maioria dos alunos (72,5%) possui computador com acesso a internet em casa. Curiosamente deste total 29,7% possuem renda familiar mensal de até 3 salários; 13,7% possuem computador e 13,7% ainda não tem acesso às tecnologias de informação e comunicação em casa (tab. 9, fig. 12).

Ao verificarmos o confronto dos dados no CTAIBB identificamos também um percentual significativo de estudantes (48,8%) que possui computador com acesso a internet em casa, 18,6% possui computador e um percentual bastante significativo ainda não tem acesso as tecnologias de informação e comunicação em casa (32,5%). Cabe ressaltar que deste percentual 64,3% encontra-se na faixa de renda até 3 salários (tab. 9, fig. 12).

Tabela 9. Renda familiar X Computador X Acesso a internet, dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

Escola	Renda familiar mensal	POSSUI COMPUTADOR EM CASA			Total
		Sim, sem Internet	Sim, com Internet	Não	
CANP	3 Salários	2	11	6	19
	4 a 5 Salários	3	10	0	13
	6 a 7 Salários	1	10	1	12
	8 a 9 Salários	1	4	0	5
	Mais de 10 Salários	0	2	0	2
	Total	7	37	7	51
CTAIBB	3 Salários	7	3	9	19
	4 a 5 Salários	0	8	3	11
	6 a 7 Salários	1	6	2	9
	8 a 9 Salários	0	2	0	2
	Mais de 10 Salários	0	2	0	2
	Total	8	21	14	43

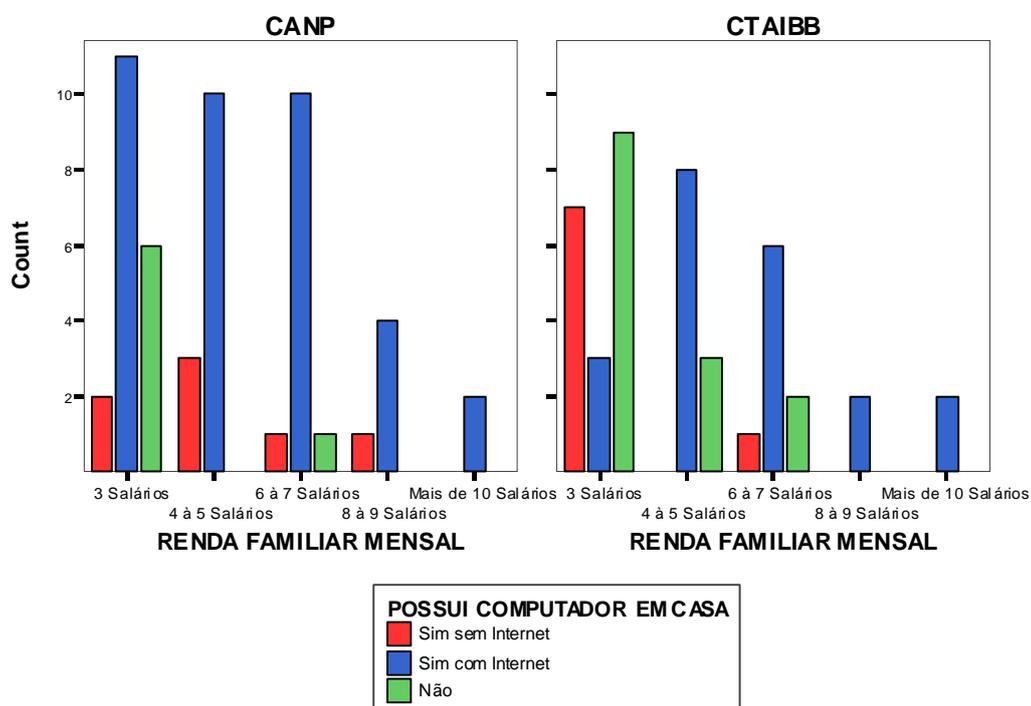


Figura 12. Renda familiar X Computador X Acesso a internet, dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

4.2.4 - Renda familiar X Término da gratuidade no transporte

Ao confrontarmos as variáveis renda familiar com a variável término na gratuidade no transporte escolar constatamos para os ingressantes do CANP que 41,2% continuariam a freqüentar a escola, mesmo tendo que pagar o transporte, sendo que deste percentual 47,6% possuem renda familiar até 3 salários; 15,7% sairia da escola, sendo apenas deste percentual 25,0% dos que possuem até 3 salários; 25,5% ficaria alojado e 17,6% moraria de aluguel (tab. 10, fig. 13).

Já para o CTAIBB identificamos que 80,9% continuaria a freqüentar a escola, deste percentual 35,3% possuem renda familiar até 3 salários; 2,4% sairia da escola e 16,7% ficaria no alojamento (tab. 10, fig. 13).

Tabela 10. Renda familiar mensal X Término da gratuidade no transporte, dos ingressantes no CANP e CTAIBB em 2008.

Escola	Renda Familiar Mensal	SE A GRATUIDADE NO TRANSPORTE TERMINAR O QUE VOCÊ FARIA?				Total
		Continuaria a freqüentar a escola	Sairia da Escola	Ficaria no Alojamento	Moraria de Aluguel na cidade	
CANP	3 Salários	10	2	4	3	19
	4 a 5 Salários	5	4	2	2	13
	6 a 7 Salários	4	2	4	2	12
	8 a 9 Salários	1	0	2	2	5
	Mais de 10 Salários	1	0	1	0	2
	Total	21	8	13	9	51
CTAIBB	3 Salários	12	1	5	0	18
	4 a 5 Salários	10	0	1	0	11
	6 a 7 Salários	8	0	1	0	9
	8 a 9 Salários	2	0	0	0	2
	Mais de 10 Salários	2	0	0	0	2
	Total	34	1	7	0	42

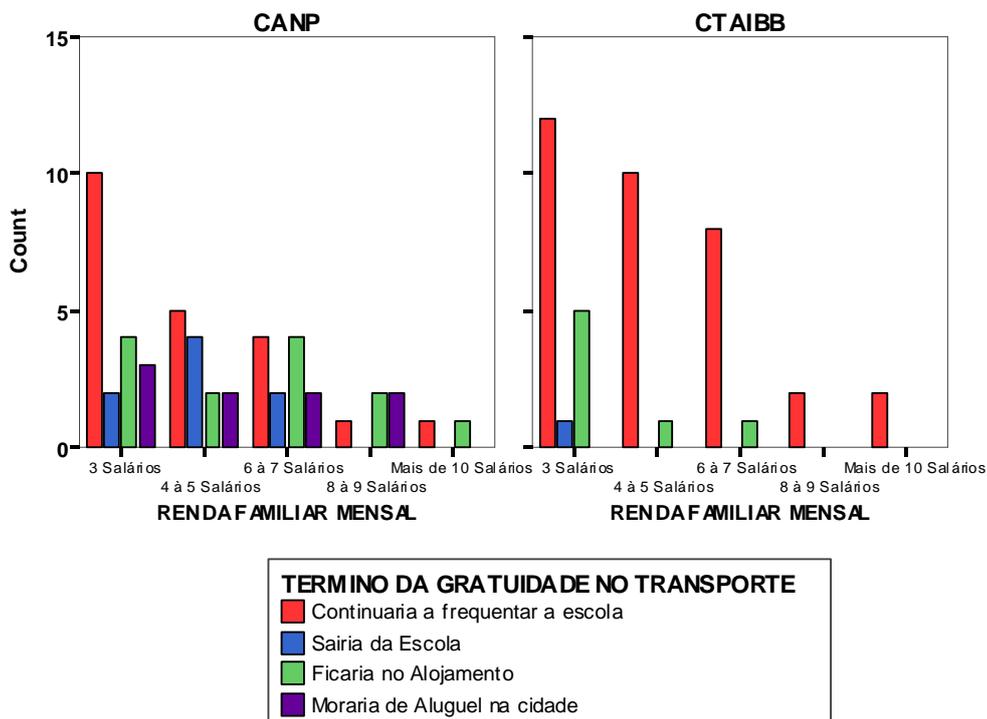


Figura 13. Renda familiar mensal X Término da gratuidade no transporte, dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

4.3 – Relação do Ingressante com o Curso

Nesta seção apresentam-se as percepções dos ingressantes respondentes sobre sua relação com o curso Técnico em Agropecuária. A partir das respostas dos estudantes, empreendemos uma categorização em que classificamos em: razões pela escolha da escola/curso, relação com o meio agropecuário e exercício da profissão de técnico em agropecuária.

4.3.1 – Razões pela escolha da escola/curso

Ao analisarmos as informações coletadas sobre as razões que levaram os estudantes a escolherem o CANP e o Curso Técnico em Agropecuária, constatamos que: 84,9% dos estudantes foram pelos métodos de ensino; 9,4%; por ficar perto de casa: 92,5% por ser uma escola de prestígio; 83,0% por oferecer uma boa formação cultural; 41,5% pelas relações sociais; 75,5% por apresentar boa aprovação no vestibular; 71,7% pelo ensino médio; 83,0% pelo ensino técnico; 50,9% por recomendação de amigos;

49,1% por ser gratuita; 13,2% por vontade dos pais e 71,7% por querer ser técnico em agropecuária (fig. 14).

Ao procedermos a análise dos dados para o CTAIBB, constatamos que das razões que levaram os estudantes a escolherem o colégio e o curso Técnico em Agropecuária foram: pelos métodos de ensino 95,8%; por ficar perto de casa 10,4%; por ser uma escola de prestígio 95,8%; por oferecer uma boa formação cultural 91,7%; pelas relações sociais 39,6%; por apresentar boa aprovação no vestibular 91,7%; pelo ensino médio 87,5%; pelo ensino técnico 70,8%; por recomendação de amigos 58,3%; por ser gratuita 52,1%; por vontade dos pais 18,8% e por querer ser técnico em agropecuária 52,1% (fig. 15).

Convêm destacar que em ambas as instituições, estas não foram escolhidas pelos ingressantes por ser perto de suas residências. Curiosamente, considerando a baixa idade dos ingressantes, estes decidiram ingressar tanto no CANP quanto no CTAIBB, não por influência de seus pais e sim por outros aspectos apresentados na fig. 14 e 15.

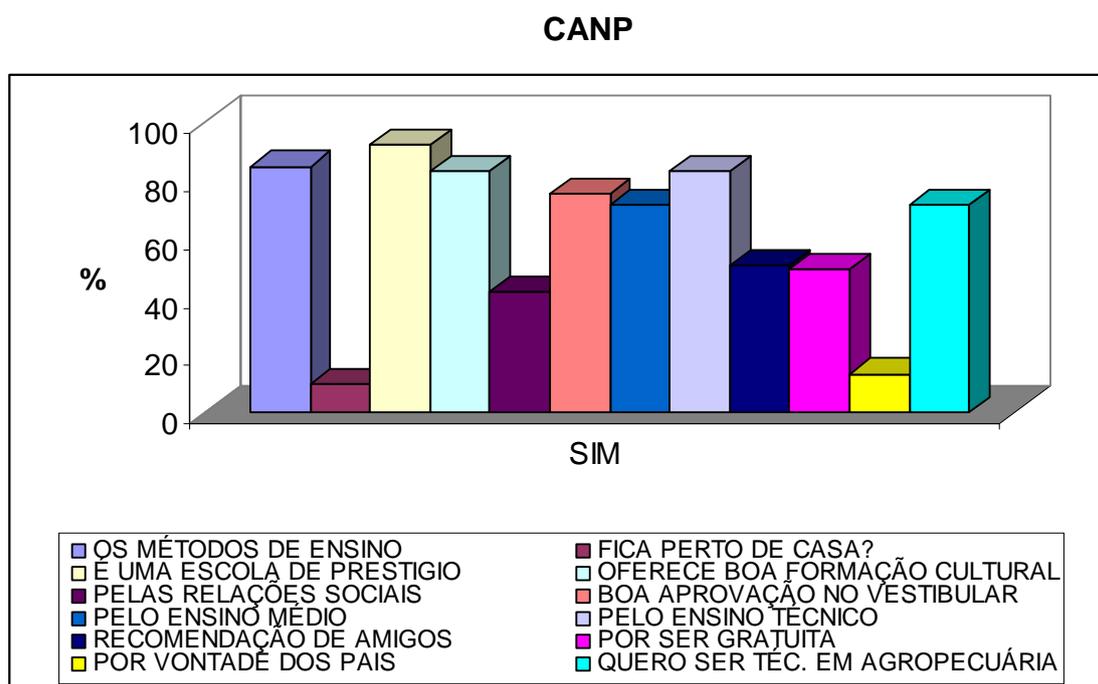


Figura 14. Distribuição Percentual (%) das razões pela escolha do **Colégio** e do Curso Técnico em Agropecuária, pelos ingressantes do **CANP** em **2008**.

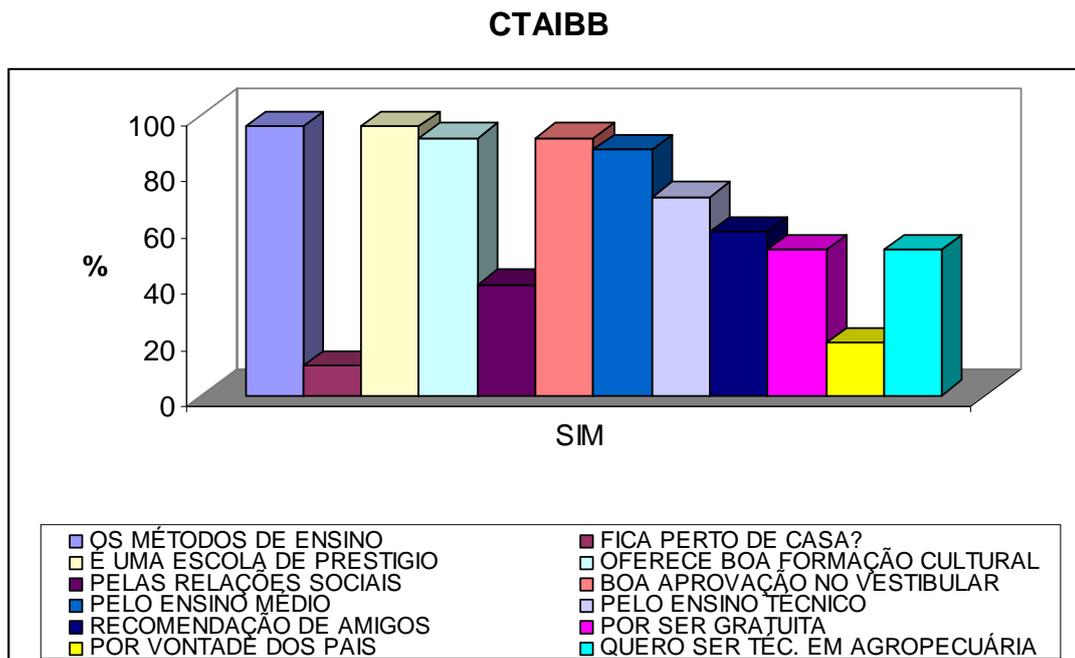


Figura 15. Distribuição Percentual (%) das razões pela escolha do **Colégio** e do Curso Técnico em Agropecuária, pelos ingressantes do **CTAIBB** em **2008**.

4.3.2 – Relação com o meio agropecuário

Podemos verificar para o CANP que 50,94% dos estudantes possuíam vivência no campo de agropecuária e 49,06% não possuem relação com atividades ligadas à agropecuária (fig. 16).

Para o CTAIBB observamos que 64,58% dos estudantes possuíam vivência no campo da agropecuária e 35,42% não possuem relação com atividades ligadas a agropecuária (fig. 16).

É possível identificarmos que um elevado percentual de ingressantes apesar de oriundos de zona urbana possuem vivência no meio rural, daí um possível indicativo pela escolha do curso Técnico em Agropecuária.

Segundo Bourdieu, citado por Nogueira e Catani (2007), o capital cultural incorporado pelo conjunto da família ao longo dos tempos é reproduzido as gerações futuras. O que pode ajudar a explicar o baixo percentual encontrado em ambas as instituições na pesquisa, quando foi perguntado aos estudantes se estes tinham dificuldades nas disciplinas do ensino Técnico. Detalhado mais a frente no item “desempenho acadêmico do estudante”.

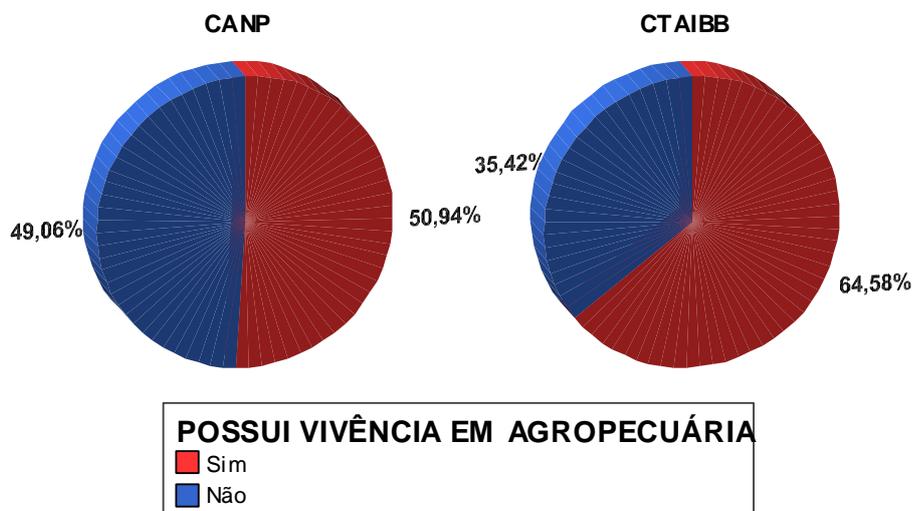


Figura 16. Vivência em agropecuária , dos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

4.3.3 – Exercício da Profissão de Técnico em Agropecuária

Esta é uma característica marcante na pesquisa, pois no CANP 66,04% dos estudantes responderam que querem ser técnicos em agropecuária; 9,43% não querem ser técnicos e 24,53% ainda não se decidiram (fig. 17). Mas quando a pergunta se referiu a qual curso técnico gostaria de fazer as respostas foram confusas, os estudantes não conseguiram dar uma resposta satisfatória a questão, misturaram cursos técnicos, superiores e outros inexistentes no catálogo nacional de cursos técnicos, ocorrendo um destaque para o curso Técnico em Informática com 17% e Veterinária 5,7%.

No CTAIBB 56,25% dos estudantes ainda não se decidiram sobre ser técnico em agropecuária, 33,33% querem ser técnicos e 10,42% não querem ser técnicos (fig. 17). Mas quando a pergunta se referiu a qual curso técnico gostaria de fazer as respostas também foram confusas; os estudantes não responderam satisfatoriamente a questão. Porém ocorreu um destaque para o curso Técnico em Informática com 14,6%, Veterinária 6,3% e Eng. Elétrica 6,3%.

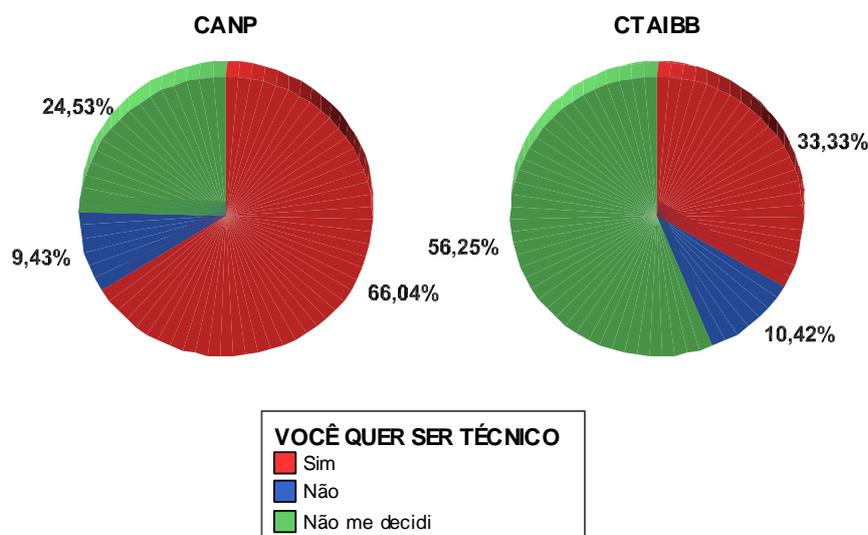


Figura 17. Exercício da profissão de Técnico em agropecuária pelos ingressantes do CANP e CTAIBB em 2008.

4.4 – Condições de Permanência na Escola

As respostas a esta questão evidenciam para o CANP que 83,02% dos estudantes moram com a família, 11,32% são alojados e 5,66% moram em repúblicas na cidade (fig. 18). Se o CANP ofertar alojamento para ambos os gêneros os percentuais se alterariam para: 64,15% alojados e 35,85% não ficariam alojados (fig. 19).

Para o CTAIBB evidenciou-se que 68,75% dos estudantes moram com a família, 14,58% são alojados, 14,58% moram com uma família na cidade e 2,08% moram em repúblicas na cidade (fig. 18). Se o CTAIBB ofertar alojamento para ambos os gêneros os percentuais se alterariam para: 64,58% alojados e 35,42% não ficariam alojados (fig. 19).

Nesta seção foi possível identificar que tanto no CANP como no CTAIBB um número significativo de estudantes nas instituições seriam atendidos caso ofertassem alojamento para o gênero feminino. Esta é uma demanda crescente a cada ano, tendo em vista o grande número de ingresso de meninas oriundas de outros municípios.

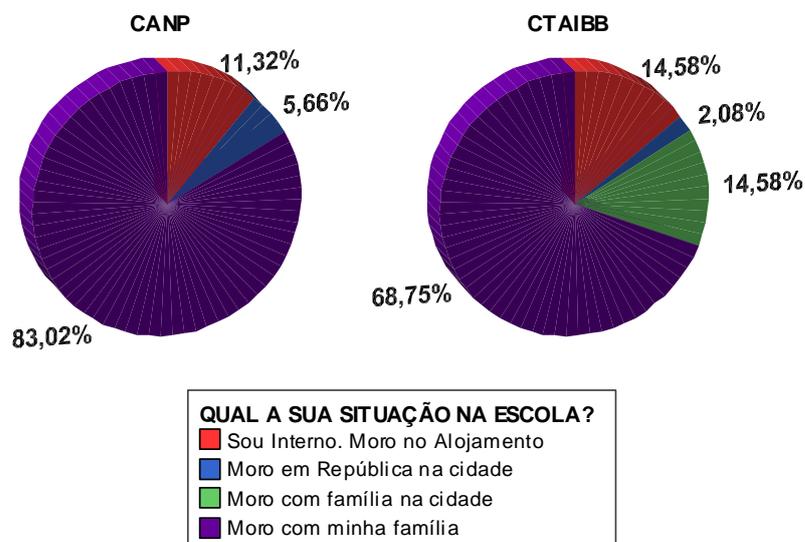


Figura 18. Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008 no que se refere ao local em que reside.

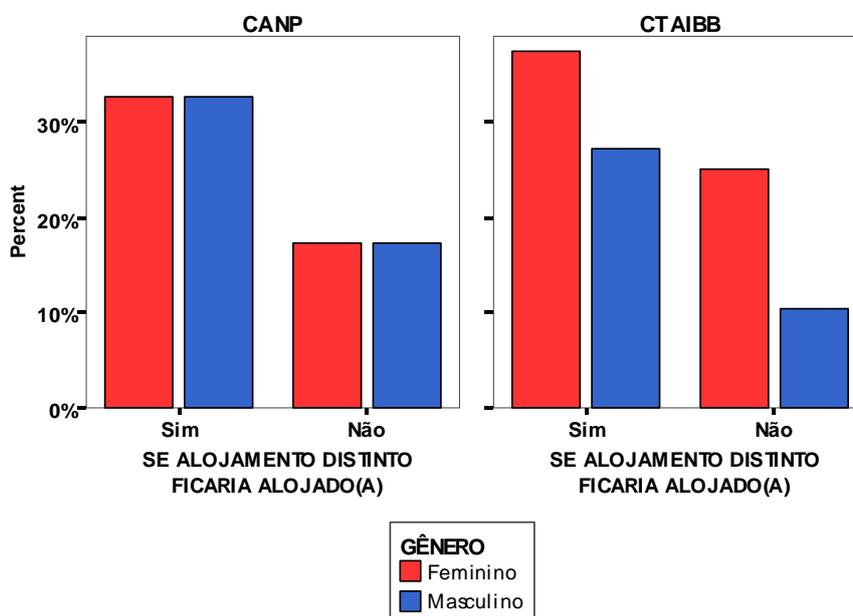


Figura 19. Situação do ingressante do CANP e CTAIBB em 2008, com a ofertado alojamento para ambos os gêneros.

4.5 – Desempenho Acadêmico do Estudante

É animador o registro sobre a repetência escolar que apresentou baixa representatividade tanto para o CANP (79,2%) como para o CTAIBB (87,5%) dos estudantes que nunca repetiram o ano. Aqueles que repetiram apenas uma vez no CANP somam 7,5% e 6,3% no CTAIBB. Os estudantes que repetiram uma vez em outra escola totalizam no CANP 7,5% e 6,3% no CTAIBB. Porém 5,7% repetiram duas ou mais vezes em outras escolas antes do ingresso no CANP (tab. 11).

Os estudantes pesquisados demonstram bom desempenho escolar resultante, provavelmente, da integração entre a qualidade do ensino e as condições socioeconômicas oferecidas pelas famílias que demonstram interesse, participação e empenho na escolarização dos filhos, contribuindo, assim, para o aumento e manutenção do rendimento escolar.

Sabe-se que a principal função da escola é educar, mas o fato de um estudante estar matriculado em uma escola não traduz, necessariamente que há uma relação positiva com o aprendizado e conhecimento, que a relação com o saber é uma relação de sentido. Ou seja, trata-se “de um valor que se estabelece entre um indivíduo (ou um grupo) e os processos e produtos de saber” porque” o indivíduo valoriza o que faz sentido para ele ou, inversamente, confere sentido àquilo que se apresenta como um valor para ele” (Charlot et al, 2000).

Outro fator relevante é que pais e jovens de famílias de camadas desfavorecidas social e economicamente atribuem uma grande importância à escola e ao estudo, os quais consistem em uma oportunidade para melhorar sua condição social, o que vem a ser complementado por Pierre Bourdieu, citado por Nogueira e Catani (2007), “... o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – que pode ser colocado a seu serviço”.

Tabela 11. Situação do ingressante do **CANP e CTAIBB** em 2008, no aspecto **repetência escolar.**

Escola		Frequência	Percentual	Percentual Valido
C	Nunca	42	79,2	79,2
A	Sim. Uma vez nesta escola	4	7,5	7,5
N	Sim. Uma vez em outra escola	4	7,5	7,5
P	Sim. Duas vezes ou mais	3	5,7	5,7
	Total	53	100,0	100,0
C	Nunca	42	87,5	87,5
T	Sim. Uma vez nesta escola	3	6,3	6,3
A	Sim. Uma vez em outra escola	3	6,3	6,3
I				
B	Total	48	100,0	100,0
B				

Os estudantes do CANP em 60,4% disseram ter maior dificuldade nas disciplinas do Ensino Médio e 34,0% maior dificuldade em disciplinas do curso Técnico em Agropecuária (tab. 12). No aspecto do local de preferência para estudar: 66% têm preferência por estudar em casa e 18,9% em estudar na biblioteca da escola.

Os estudantes do CTAIBB em 75,0% disseram ter maior dificuldade nas disciplinas do Ensino Médio, 8,3% maior dificuldades em disciplinas do curso Técnico em Agropecuária e 8,3% disseram ter dificuldade tanto nas disciplinas do ensino Técnico como nas do Ensino Médio (tab. 12). No aspecto do local de preferência para estudar: 75% tem preferência por estudar em casa e 10,4% na sala do alojamento.

Tabela 12. Situação do ingressante do **CANP e CTAIBB** em 2008, em relação a **dificuldade nas disciplinas em curso na escola.**

Curso/Ensino		Frequência	Percentual	Percentual Valido
C	Técnico	18	34,0	36,0
A	Médio	32	60,4	64,0
N	Total	50	94,3	100,0
P	Branco	3	5,7	
	Total	53	100,0	
C	Técnico	4	8,3	9,1
T	Técnico e Médio	4	8,3	9,1
A	Médio	36	75,0	81,8
I	Total	44	91,7	100,0
B	Branco	4	8,3	
B	Total	48	100,0	

4.6 – A visão do Estudante sobre a Escola

Neste aspecto predominou a expectativa do estudante ingressante do **CANP** em relação à escola em: obter sucesso no vestibular 79,2%, ter boa formação técnica 96,2%, ser capaz de ter objetivos 83%, ser feliz 58,5%, adquirir senso crítico 77,4%, Aprender a respeitar regras 77,4%, ter boa formação cultural 86,8%, ser um bom profissional 96,2% e conseguir emprego após se formar 62,3% (tab. 18).

Tabela 13. Expectativa do ingressante do CANP em 2008

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
TENHA SUCESSO NO VESTIBULAR	Sim	42	79,2	79,2
	Não	11	20,8	20,8
	Total	53	100,0	100,0
BOA FORMAÇÃO TÉCNICA	Sim	51	96,2	96,2
	Não	2	3,8	3,8
	Total	53	100,0	100,0
CAPAZ DE TER OBJETIVOS	Sim	44	83,0	83,0
	Não	9	17,0	17,0
	Total	53	100,0	100,0
SEJA FELIZ	Sim	31	58,5	58,5
	Não	22	41,5	41,5
	Total	53	100,0	100,0
TENHA SENSO CRÍTICO	Sim	41	77,4	77,4
	Não	12	22,6	22,6
	Total	53	100,0	100,0
APRENDA A RESPEITAR REGRAS	Sim	41	77,4	77,4
	Não	12	22,6	22,6
	Total	53	100,0	100,0
TENHA BOA FORMAÇÃO CULTURAL	Sim	46	86,8	86,8
	Não	7	13,2	13,2
	Total	53	100,0	100,0
SEJA UM BOM PROFISSIONAL	Sim	51	96,2	96,2
	Não	2	3,8	3,8
	Total	53	100,0	100,0
EMPREGO APÓS SE FORMAR	Sim	33	62,3	62,3
	Não	20	37,7	37,7
	Total	53	100,0	100,0

Para o **CTAIBB** também predominou a expectativa do estudante ingressante em relação à escola em: obter sucesso no vestibular 83,3%, ter boa formação técnica 93,8%, ser capaz de ter objetivos 89,6%, ser feliz 79,2%, adquirir senso crítico 75%. Aprender a respeitar regras 77,1%, ter boa formação cultural 95,8%, ser um bom profissional 91,7% e ter emprego após se formar 64,6% (tab. 14).

Tabela 14. Expectativa do ingressante do CTAIBB em 2008

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
TENHA SUCESSO NO VESTIBULAR	Sim	40	83,3	83,3
	Não	8	16,7	16,7
	Total	48	100,0	100,0
BOA FORMAÇÃO TÉCNICA	Sim	45	93,8	93,8
	Não	3	6,3	6,3
	Total	48	100,0	100,0
CAPAZ DE TER OBJETIVOS	Sim	43	89,6	89,6
	Não	5	10,4	10,4
	Total	48	100,0	100,0
SEJA FELIZ	Sim	38	79,2	79,2
	Não	10	20,8	20,8
	Total	48	100,0	100,0
TENHA SENSO CRÍTICO	Sim	36	75,0	75,0
	Não	12	25,0	25,0
	Total	48	100,0	100,0
APRENDA A RESPEITAR REGRAS	Sim	37	77,1	77,1
	Não	11	22,9	22,9
	Total	48	100,0	100,0
TENHA BOA FORMAÇÃO CULTURAL	Sim	46	95,8	95,8
	Não	2	4,2	4,2
	Total	48	100,0	100,0
SEJA UM BOM PROFISSIONAL	Sim	44	91,7	91,7
	Não	4	8,3	8,3
	Total	48	100,0	100,0
EMPREGO APÓS SE FORMAR	Sim	31	64,6	64,6
	Não	17	35,4	35,4
	Total	48	100,0	100,0

A influência da infraestrutura sobre o aprendizado é difícil mensurar, uma vez que depende de vários fatores. Entretanto os documentos oficiais enfatizam que é impossível dissociar qualidade de ensino e infraestrutura.

A qualidade do ensino depende largamente de condições adequadas de infraestrutura escolar. É preciso assegurar aos alunos instalações adequadas e preparadas para prática pedagógica, desde a sala de aula a até a quadra de esportes. A questão da rede física é sempre um problema não equacionado inteiramente, no medida em que a incorporação de novos alunos exige a expansão da infraestrutura, bem como a

qualidade depende da manutenção permanente dos prédios escolares, da construção de novas salas de aula e de benfeitorias necessárias ao dia-a-dia de alunos e professores (BRASIL, 2002).

As respostas a esta questão (tab. 15) evidenciam que a **estrutura física** de determinados locais do **CANP** é: ótima 39,6%, boa 50,9%, razoável 5,7% e péssima 3,8% para o **refeitório**; ótima 47,2%, boa 37,7%, razoável 9,4% e péssima 5,7% para a **biblioteca**; ótima 5,7%, boa 17%, razoável 50,9% e péssima 26,4% para **banheiros**; ótima 5,7%, boa 18,9%, razoável 54,7% e péssima 20,8% para **vestiários**; ótima 13,2%, boa 52,8%, razoável 32,1% e péssima 1,9% para o **alojamento**; ótima 24,5%, boa 64,2%, razoável 11,3% para **salas de aula**; ótima 37,7%, boa 49,1%, razoável 13,2% para **laboratórios**; ótima 35,8%, boa 45,3%, razoável 17% e péssima 1,9% para **setores de aulas prática**; ótima 22,6%, boa 52,8%, razoável 24,5% para **quadras de esportes**.

Tabela 15. Avaliação dos ingressantes do CANP em 2008, em relação às condições estruturais.

		Freqüência	Percentual	Percentual Válido
REFEITÓRIO	Ótima	21	39,6	39,6
	Boa	27	50,9	50,9
	Razoável	3	5,7	5,7
	Péssima	2	3,8	3,8
	Total	53	100,0	100,0
BIBLIOTECA	Ótima	25	47,2	47,2
	Boa	20	37,7	37,7
	Razoável	5	9,4	9,4
	Péssima	3	5,7	5,7
	Total	53	100,0	100,0
BANHEIROS	Ótima	3	5,7	5,7
	Boa	9	17,0	17,0
	Razoável	27	50,9	50,9
	Péssima	14	26,4	26,4
	Total	53	100,0	100,0
VESTIÁRIOS	Ótima	3	5,7	5,7
	Boa	10	18,9	18,9
	Razoável	29	54,7	54,7
	Péssima	11	20,8	20,8
	Total	53	100,0	100,0
ALOJAMENTOS	Ótima	7	13,2	13,2
	Boa	28	52,8	52,8
	Razoável	17	32,1	32,1
	Péssima	1	1,9	1,9
	Total	53	100,0	100,0
SALAS DE AULAS	Ótima	13	24,5	24,5
	Boa	34	64,2	64,2
	Razoável	6	11,3	11,3
	Total	53	100,0	100,0
	LABORATÓRIOS	Ótima	20	37,7
Boa		26	49,1	49,1
Razoável		7	13,2	13,2
Total		53	100,0	100,0
SETORES DE AULA PRÁTICA		Ótima	19	35,8
	Boa	24	45,3	45,3
	Razoável	9	17,0	17,0
	Péssima	1	1,9	1,9
	Total	53	100,0	100,0
QUADRA DE ESPORTES	Ótima	12	22,6	22,6
	Boa	28	52,8	52,8
	Razoável	13	24,5	24,5
	Total	53	100,0	100,0

A apresentação dos resultados desta questão (tab. 16) evidenciam que a **estrutura física** de determinados locais do **CTAIBB** é: ótima 16,7%, boa 64,6%, razoável 18,8% para o **refeitório**; ótima 22,9%, boa 62,5%, razoável 14,6% para a **biblioteca**; ótima 12,5%, boa 31,3%, razoável 43,8% e péssima 12,5% para **banheiros**; ótima 2,1%, boa 18,8%, razoável 47,9% e péssima 31,3% para **vestiários**; ótima 2,1%, boa 12,5%,

razoável 45,8% e péssima 25% para o **alojamento**; ótima 6,3%, boa 39,6%, razoável 45,8% e péssima 8,3% para **salas de aula**; ótima 22,9%, boa 45,8%, razoável 27,1% e péssima 4,2% para **laboratórios**; ótima 35,4%, boa 52,1%, razoável 12,5% para **setores de aulas prática**; ótima 20,8%, razoável 50% e péssima 27,1% para **quadras de esportes**.

Tabela 16. Avaliação dos ingressantes do CTAIBB em 2008, em relação às condições estruturais.

		Freqüência	Percentual	Percentual Valido
REFEITÓRIO	Ótima	8	16,7	16,7
	Boa	31	64,6	64,6
	Razoável	9	18,8	18,8
	Total	48	100,0	100,0
BIBLIOTECA	Ótima	11	22,9	22,9
	Boa	30	62,5	62,5
	Razoável	7	14,6	14,6
	Total	48	100,0	100,0
BANHEIROS	Ótima	6	12,5	12,5
	Boa	15	31,3	31,3
	Razoável	21	43,8	43,8
	Péssima	6	12,5	12,5
	Total	48	100,0	100,0
VESTIÁRIOS	Ótima	1	2,1	2,1
	Boa	9	18,8	18,8
	Razoável	23	47,9	47,9
	Péssima	15	31,3	31,3
	Total	48	100,0	100,0
ALOJAMENTOS	Ótima	1	2,1	2,4
	Boa	6	12,5	14,6
	Razoável	22	45,8	53,7
	Péssima	12	25,0	29,3
	Total	41	85,4	100,0
	Brancos	7	14,6	
Total .	48	100,0		
SALAS DE AULAS	Ótima	3	6,3	6,3
	Boa	19	39,6	39,6
	Razoável	22	45,8	45,8
	Péssima	4	8,3	8,3
	Total	48	100,0	100,0
LABORATÓRIOS	Ótima	11	22,9	22,9
	Boa	22	45,8	45,8
	Razoável	13	27,1	27,1
	Péssima	2	4,2	4,2
	Total	48	100,0	100,0
SETORES DE AULA PRÁTICA	Ótima	17	35,4	35,4
	Boa	25	52,1	52,1
	Razoável	6	12,5	12,5
	Total	48	100,0	100,0
QUADRA DE ESPORTES	Boa	10	20,8	21,3
	Razoável	24	50,0	51,1
	Péssima	13	27,1	27,7
	Total	47	97,9	100,0
	Brancos	1	2,1	
Total .	48	100,0		

No aspecto **limpeza** de determinados locais do **CANP** verifica-se os seguintes percentuais (tab. 17): ótima 54,7%, boa 35,8%, razoável 7,5% e péssima 1,9% para o **refeitório**; ótima 64,2%, boa 26,4%, razoável 9,4% para a **biblioteca**; ótima 11,3%, boa 18,9%, razoável 45,3% e péssima 24,5% para **banheiros**; ótima 13,2%, boa 26,4%, razoável 47,2% e péssima 13,2% para **vestiários**; ótima 20,8%, boa 39,6%, razoável 35,8% e péssima 3,8% para o **alojamento**; ótima 28,3%, boa 47,2%, razoável 22,6% e péssima 1,9% para **salas de aula**; ótima 35,8%, boa 49,1%, razoável 11,3% e péssima 3,8% para **laboratórios**; ótima 18,9%, boa 49,1%, razoável 24,5% e péssima 7,5% para **setores de aulas prática**; ótima 26,4%, boa 52,8%, razoável 18,9% e péssima 1,9% para **quadras de esportes**.

Tabela 17. Avaliação dos estudantes do CANP em 2008, em relação às condições de limpeza dos ambientes.

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
LIMPEZA DO REFEITÓRIO	Ótima	29	54,7	54,7
	Boa	19	35,8	35,8
	Razoável	4	7,5	7,5
	Péssima	1	1,9	1,9
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DA BIBLIOTECA	Ótima	34	64,2	64,2
	Boa	14	26,4	26,4
	Razoável	5	9,4	9,4
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DO BANHEIRO	Ótima	6	11,3	11,3
	Boa	10	18,9	18,9
	Razoável	24	45,3	45,3
	Péssima	13	24,5	24,5
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DO VESTIÁRIO	Ótima	7	13,2	13,2
	Boa	14	26,4	26,4
	Razoável	25	47,2	47,2
	Péssima	7	13,2	13,2
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DO ALOJAMENTO	Ótima	11	20,8	20,8
	Boa	21	39,6	39,6
	Razoável	19	35,8	35,8
	Péssima	2	3,8	3,8
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DA SALA DE AULA	Ótima	15	28,3	28,3
	Boa	25	47,2	47,2
	Razoável	12	22,6	22,6
	Péssima	1	1,9	1,9
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DO LABORATÓRIO	Ótima	19	35,8	35,8
	Boa	26	49,1	49,1
	Razoável	6	11,3	11,3
	Péssima	2	3,8	3,8
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DOS SETORES DE AULA PRÁTICA	Ótima	10	18,9	18,9
	Boa	26	49,1	49,1
	Razoável	13	24,5	24,5
	Péssima	4	7,5	7,5
	Total	53	100,0	100,0
LIMPEZA DA QUADRA DE ESPORTE	Ótima	14	26,4	26,4
	Boa	28	52,8	52,8
	Razoável	10	18,9	18,9
	Péssima	1	1,9	1,9
	Total	53	100,0	100,0

No aspecto **limpeza** de determinados locais do **CTAIBB** verifica-se os seguintes percentuais (tab. 18): ótima 41,7%, boa 39,6%, razoável 16,7% e péssima 2,1% para o **refeitório**; ótima 60,4%, boa 33,3%, razoável 4,2% e péssima 2,1% para a **biblioteca**; ótima 8,3%, boa 27,1%, razoável 43,8% e péssima 20,8% para **banheiros**; ótima 6,3%, boa 18,8%, razoável 43,8% e péssima 29,2% para **vestiários**; ótima 8,3%, boa 20,8%, razoável 25% e péssima 29,2% para o **alojamento**; ótima 20,8%, boa 47,9%, razoável 20,8% e péssima 10,4% para **salas de aula**; ótima 43,8%, boa 43,8%, razoável 4,2% e péssima 6,3% para **laboratórios**; ótima 43,8%, boa 31,3%, razoável 16,7% e péssima 8,3% para **setores de aulas prática**; ótima 4,2%, boa 25%, razoável 41,7% e péssima 29,2% para **quadras de esportes**.

Tabela 18. Avaliação dos estudantes do CTAIBB em 2008 em relação às condições de limpeza dos ambientes.

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
LIMPEZA DO REFEITÓRIO	Ótima	20	41,7	41,7
	Boa	19	39,6	39,6
	Razoável	8	16,7	16,7
	Péssima	1	2,1	2,1
	Total	48	100,0	100,0
LIMPEZA DA BIBLIOTECA	Ótima	29	60,4	60,4
	Boa	16	33,3	33,3
	Razoável	2	4,2	4,2
	Péssima	1	2,1	2,1
	Total	48	100,0	100,0
LIMPEZA DO BANHEIRO	Ótima	4	8,3	8,3
	Boa	13	27,1	27,1
	Razoável	21	43,8	43,8
	Péssima	10	20,8	20,8
	Total	48	100,0	100,0
LIMPEZA DO VESTIÁRIO	Ótima	3	6,3	6,4
	Boa	9	18,8	19,1
	Razoável	21	43,8	44,7
	Péssima	14	29,2	29,8
	Total	47	97,9	100,0
	Branco	1	2,1	
Total	48	100,0		
LIMPEZA DO ALOJAMENTO	Ótima	4	8,3	10,0
	Boa	10	20,8	25,0
	Razoável	12	25,0	30,0
	Péssima	14	29,2	35,0
	Total	40	83,3	100,0
	Branco	8	16,7	
Total	48	100,0		
LIMPEZA DA SALA DE AULA	Ótima	10	20,8	20,8
	Boa	23	47,9	47,9
	Razoável	10	20,8	20,8
	Péssima	5	10,4	10,4
	Total	48	100,0	100,0
LIMPEZA DO LABORATÓRIO	Ótima	21	43,8	44,7
	Boa	21	43,8	44,7
	Razoável	2	4,2	4,3
	Péssima	3	6,3	6,4
	Total	47	97,9	100,0
	Branco	1	2,1	
Total	48	100,0		
LIMPEZA DOS SETORES DE AULA PRÁTICA	Ótima	21	43,8	43,8
	Boa	15	31,3	31,3
	Razoável	8	16,7	16,7
	Péssima	4	8,3	8,3
	Total	48	100,0	100,0
LIMPEZA DA QUADRA DE ESPORTE	Ótima	2	4,2	4,2
	Boa	12	25,0	25,0
	Razoável	20	41,7	41,7
	Péssima	14	29,2	29,2
	Total	48	100,0	100,0

Podemos depreender do conjunto desses aspectos apontados pelos estudantes do colégios, que a existência de um espaço físico bem estruturado, adequado as necessidades e em boas condições de limpeza, mostram-se de grande importância para o bom desenvolvimento das atividades escolares e para que as pessoas desenvolvam bons sentimentos.

4.7 – A Visão do Gestor

Nesta seção, descreveram-se as opiniões dos gestores, quando confrontamos com os dados obtidos tanto das fichas cadastrais 2003 – 2007, quanto pelo questionário aplicado aos ingressantes em 2008 demonstrados nas seções anteriores. Daí constatamos que as percepções dos gestores corroboraram com os resultados da pesquisa.

A percepção dos gestores em relação à mudança no perfil dos estudantes foram verificadas nos seguintes depoimentos:

“Os colégios Agrícolas historicamente são colégios para o público masculino, (os cursos na área agrícola são cursos historicamente para o público masculino.) Entretanto, o público feminino vem aumentando, e hoje tem praticamente a mesma proporção de homens e mulheres que têm na população brasileira” (Gestor 1).

“A gente percebe uma mudança na faixa etária, nós recebíamos alunos de 17-18 anos, mas hoje nós recebemos alunos de 13-14 anos” (Gestor 2).

“O que a gente percebe nos alunos, é que cada vez mais, a gente tem ingresso de alunos da zona urbana em detrimento da zona rural, isso vem crescendo ao longo dos anos e um ingresso maior do gênero feminino também” (Gestor 4).

“A mudança na faixa etária que esse aluno alcança sucesso no ensino fundamental interfere quando ele ingressa no Curso Técnico, a profissionalização é muito séria, este aluno é imaturo e não entende que vai se profissionalizar e seu comportamento tem que ser mais adequado. Outro aspecto é que hoje é uma minoria que é oriunda da zona rural” (Gestor 5).

“O que a gente observa hoje é que os alunos têm características mais urbanas; são oriundos de zona urbana. O número de alunos de zona rural é muito pequeno. O que nós observamos também é que esses alunos atualmente são mais daqui da região de influência do colégio como Volta Redonda, Barra Mansa e Barra do Piraí; poucos são de cidades mais distantes” (Gestor 3).

“Quando eu comecei a dar aula no CANP, nós tínhamos alunos da área rural em grande quantidade; hoje a gente praticamente não tem. Tem ano que não entra ninguém declaradamente da área rural” (Gestor 2).

“O perfil do aluno que ingressa cada vez mais é de pessoas da zona urbana e pessoas com nível sócio-econômico muito maior que anteriormente, logo, as exigências crescem em relação a escola” (Gestor 4).

“Tivemos mudança também em termo de classe sócio-econômica. Nós recebíamos alunos de classes mais baixas; hoje a gente recebe alunos também de classe média que freqüentaram escolas particulares, embora a maioria dos nossos alunos venha de escola pública” (Gestor 2).

“Por ser uma escola que oferece o ensino médio com certa qualidade, nós temos uma grande maioria que vai tentar fazer o vestibular, vai tentar ingressar no terceiro grau e fazer faculdades mais diversas possíveis, dentro da área de ensino agrário, mas também em outras áreas” (Gestor 4).

“Nós temos um grande número de nossos alunos aprovados no vestibular, essa seria talvez a principal motivação desses alunos ou dessas famílias mandarem seus filhos para cá” (Gestor 5).

“O colégio Agrícola é uma escola de qualidade, é uma escola pública; gratuita; é muito visada por este motivo. Eu diria que 80% dos estudantes visam prosseguir os estudos na graduação; Grande parte em áreas afins como: Agronomia, Veterinária, Biologia e Zootecnia. Uma parcela bem pequena desses alunos sai para o mercado de trabalho direto”.

“Nossa escola se caracteriza por ser uma escola que recebe alunos cujos, pais têm faixa salarial média e baixa. É preciso pensar na questão do acesso e permanência dos alunos na escola, isso significa pensar em condições de alimentação/refeitório e condições de moradia para os alunos. Hoje nós temos mais da metade dos alunos do gênero feminino e não temos um alojamento feminino, a escola precisa repensar para se adequar a essa nova realidade que se consolidou nos últimos anos” (Gestor 1).

“Nós só temos alojamento masculino, mas é urgente que a escola providencie um alojamento feminino” (Gestor 2).

“Com o aumento do gênero feminino na escola, temos que ter um conjunto de banheiros para essas meninas, chuveiros, tem que ter todo um trabalho de repensar as estruturas/instalações para atender a essa demanda. E já temos outro pleito que é criar um alojamento feminino, que é um problema. Adolescente ficar na escola 24h é uma baita responsabilidade. Agora você ter adolescente do gênero feminino dentro da escola e menor de idade é outro desafio que nos vamos ter que decidir” (Gestor 4).

“O nosso aluno é cada vez mais exigente no uso e na oferta de condições de recursos de informática, pois a informática passa a ser uma ferramenta comum nas casas, na vida dele; seja em casa ou numa lan-house e ele busca isso na escola também. De certa forma ele cobra isso da escola” (Gestor 1).

“A gente tem melhorado uma série de coisas que são necessárias. A questão da internet; de acesso à internet; uma série de coisas que são necessárias para o mundo de hoje. Não tem como fugir! É uma coisa que tem que estar na escola no dia-a-dia para o aluno entender e manusear. A escola teve que se modernizar para atender a demanda e as expectativas da comunidade com relação às tecnologias” (Gestor 4).

“Antes os alunos mais velhos de classe social mais baixa e de origem rural tinham grandes expectativas em relação à escola: ter uma profissão, conseguir se formar, melhorar de vida, fazer a diferença na família, conseguir um emprego, melhorar meu sítio, enfim, a escola tinha um papel de mudança social” (Gestor 2).

“Hoje a maioria dos estudantes estão fazendo nossos cursos porque tem que fazer o ensino médio e aqui é gratuito e de qualidade o que viabiliza passar no vestibular” (Gestor 3).

“Em relação à expectativa do aluno para com a escola, eu creio que quando ele ingressa no curso não tem noção daquilo que ele vai fazer. Ele vem e não sabe o que é o curso. Alguns passam por aqui para ter um diploma e buscar a inserção no mercado, porém, a maioria busca o ensino superior” (Gestor 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após descrição apresentada na pesquisa, fica evidenciada a pertinência em se propor estratégias de gestão em função da mudança no perfil dos estudantes ingressantes, corroborado pelos depoimentos dos gestores ao se comparar com os dados das fichas cadastrais dos últimos 5 anos e pelo questionário aplicado aos ingressantes de 2008 de ambas as instituições. Se considerarmos todas as mudanças identificadas, verifica-se que é fundamental propor uma reflexão às comunidades escolares no sentido de analisar as mudanças ocorridas no perfil de sua clientela atual, visto que o antigo público masculino de origem rural de faixa etária mais elevada, hoje é substituído pelo público feminino de origem urbana cada vez mais jovem.

Além disso, a diminuição na faixa-etária dos ingressantes se deve a variáveis que englobam as mudanças nas Políticas Nacionais Educacionais. Hoje, os estudantes obtêm sucesso no ensino fundamental mais cedo, por outro lado, percebe-se a imaturidade para encarar uma profissionalização e o mercado.

Antes os estudantes mais velhos e de origem rural possuíam expectativas em relação aos colégios agrícolas e ao curso Técnico em Agropecuária no sentido de ter uma profissão, de conseguir sua inserção no mercado de trabalho. Atualmente, as expectativas mudaram, pois alguns, devido a pouca idade, sequer têm consolidado o que querem fazer. Além do mais muitos ao se formarem ainda são menores de idade, o que impede sua inserção no mundo do trabalho. Então podemos inferir que a maioria optará pela graduação na universidade em decorrência a menor idade ao concluir o curso.

Outro aspecto significativo é a existência da forte pressão social na valorização do ensino superior, o que acaba por desqualificar a formação técnica. Contudo, se o meio empresarial oportunizasse melhores condições financeiras e a sociedade reconhecesse profissionalmente a formação técnica, talvez não existisse o apagão de mão-de-obra qualificada de nível técnico.

Com relação à escolha pela escola e pelo curso Técnico em Agropecuária tanto no CANP, como no CTAIBB, percebe-se uma grande heterogeneidade. Ambas merecem destaque por serem escolas de renome e por apresentarem métodos consagrados, (vide a aprovação no vestibular), além da boa formação cultural.

Do total de estudantes atendidos pelo CTAIBB, mais da metade (52,1%) é oriunda do estado do Espírito Santo, 39,6% são do próprio município (Bom Jesus do Itabapoana). O que é justificado pela localização em que se encontra o colégio, ou seja, na divisa do estado do Rio de Janeiro com o Espírito Santo. Esses dados ajudam a compreender o alto percentual de estudantes que continuariam a frequentar a escola, mesmo se a

gratuidade no transporte escolar terminasse, visto que muitos estudantes são do próprio município onde está inserida a escola. No CANP ocorre de uma maneira distinta, pois a maioria dos estudantes são oriundos de municípios vizinhos, logo o percentual que abandonaria a escola, caso a gratuidade terminasse, seria justificada.

No que concerne ao prestígio escolar, o corpo discente, das escolas públicas de boa reputação são considerados “de elite” diante das outras escolas da região a onde estão inseridas. Assim pensamos elites como detentoras de oportunidades e recursos pouco acessíveis às “massas” em disputas pelo controle de tais recursos, os quais conferem oportunidades vantajosas de poder, prestígio e riqueza.

Algumas pesquisas realizadas nesta área sugerem que essas escolas diferenciadas não apenas ampliam as chances competitivas de seus egressos, como também o próprio acesso a elas, ao menos em parte, depende da posse de recursos sociais diferenciados, o que as enquadraria como espaços de formação e reprodução de elites (COSTA, 2008).

Os estudantes atuais não cobram mais em relação a estrutura das unidades de ensino e produção (setores). Isso é reflexo, também, da mudança de expectativa desses estudantes. Tendo em vista a sua incerteza em exercer a profissão.

É conveniente destacar as mudanças do mundo globalizado e a necessidade de repensar o atual modelo do ensino agrícola, que ainda está pautado no “modelo escola fazenda” que se baseava no princípio “Aprender a fazer, fazer para aprender.” Podemos sugerir a pesquisa como princípio educativo no curso Técnico em Agropecuária de forma que os estudantes sejam estimulados à iniciação, científica, na produção de tecnologias, no desenvolvimento de projetos, de forma a propiciar a interação sujeito-objeto de conhecimento, mediando os fatores motivacionais intrínsecos e necessários para a aprendizagem e tendo contato com as mudanças globais.

Na caracterização do perfil dos estudantes, também, ficou evidenciado em ambas as escolas, a origem predominante de escolarização pública, tendo como faixa de renda mensal até 3 salários mínimos o que demonstra o cumprimento do papel das instituições para com esta parcela da sociedade, que deve ser o seu público-alvo principal.

Ambas as instituições pesquisadas adotam em seu processo seletivo uma prova de conhecimentos gerais, porém os estudantes da zona urbana são mais competitivos e atualizados em conteúdos habitualmente exigidos na seleção. Sendo assim, podemos inferir então, que as possibilidades de acesso dos estudantes de zona rural ficam ainda mais reduzidas. Nesse aspecto, o CTAIBB a partir do ano de 2009 adotou como

estratégia uma bonificação de 10% para os alunos oriundos de escola pública de zona rural.

A escola não é um espaço neutro, principalmente, se considerarmos que os padrões adotados para julgar a competência dos alunos trazem as marcas da reprodução das desigualdades sociais, como denunciado por Bourdieu & Passeron (1975). Jovens provenientes de meios rurais ou do interior do país situam-se em distâncias desiguais em relação à cultura escolar, em relação aos jovens dos grandes centros urbanos, entretanto os colégios da rede federal, espalhados pelo país permitem, pela excelência do ensino ministrado, a possibilidade de mobilidade social ascendente para os jovens que nela ingressam. Dessa forma, os colégios agrícolas como o CANP e o CTAIBB, possibilitam a esses jovens a familiarização com os códigos da cultura escolar e da cultura dominante.

Em síntese, a oportunidade de cursar uma escola que traz a marca da qualidade de ensino, comum as escolas da rede federal, amplia suas chances de adquirir e acumular capital cultural passível de transformação em capital profissional, acesso a oportunidades de trabalho melhor remunerado e a trajetórias escolares mais longas.

Passemos, a apresentação das **implicações para a gestão** decorrentes da mudança do perfil sociográfico dos ingressantes:

Ao mudar o perfil do ingressante, inclusive com maior presença feminina e urbana, as exigências em relação às escolas são maiores, principalmente no que se refere à estrutura central, banheiros, vestiários, salas de aula, ambiência, conforto, laboratórios, refeitórios, qualidade da alimentação, biblioteca, moradia estudantil para ambos os gêneros e acesso aos recursos/tecnologias. Isso traz implicações diretas no processo de gestão escolar no sentido de procurar atendê-las, o que requer a elaboração participativa de um Plano de Desenvolvimento Institucional, Projeto Político Pedagógico, Plano Diretor entre outras ferramentas da gestão.

Considerando-se a infraestrutura física e as condições de limpeza das escolas levando em consideração as atividades de ensino, mudanças no perfil dos ingressantes, criação de novos cursos, pesquisa e extensão, ambas as instituições necessitam de adequações. Os gestores já têm feito investimentos na ampliação dos espaços físicos porém, faz-se necessário desenvolver um plano de expansão física que prevê ampliações e adequações necessárias dos espaços para o atendimento das reais demandas dos ingressantes.

Se considerarmos o aumento crescente no gênero feminino (que já alcança 49,1% no CANP e 62,5% no CTAIBB em 2008), podemos considerar a relevância em viabilizar a construção de moradia estudantil feminina para o atendimento desta nova demanda ou

até mesmo sugerir a criação de uma bolsa auxílio moradia como forma de viabilizar o acesso destas jovens ao curso. Porém o percentual acima ainda não é suficiente para garantir a superação do preconceito, preocupações e implicações legais que venham a efetivar as devidas adequações na infraestrutura física das escolas. Ressaltamos a necessidade das comunidades escolares e gestores repensarem esse aspecto, para que este segmento seja valorizado profissionalmente com a criação de oportunidades de estada (moradia) iguais aos do gênero masculino nas escolas, em virtude da mudança no perfil.

Em suma, a proposta desse trabalho de pesquisa foi a de traçar o perfil sociográfico do corpo discente, no momento atual. Convêm ressaltar que esse estudo deve ser constante e atualizado, de forma que seja possível criação de um banco de dados dos estudantes que ingressam a fim de verificar as modificações que lhe são suscetíveis.

A descrição das características desse perfil e de suas respectivas modificações será fundamental para a gestão escolar elaborar estratégias de ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília:UNESCO, MEC, 2003.

AB'SABER, A. Domínios morfoclimáticos e solos do Brasil. In: V. H. ALVAREZ, L.E. F. FONTES & M. P. F. FONTES (Ed.) **O solo nos grandes domínios morfoclimáticos do Brasil e o desenvolvimento sustentável**. SBCS e UFV, Viçosa, 1996.

ALVES, A. J. M. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo. Editora: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BORGES, E. F. **A reforma da educação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba (MG)**. Uberaba, Minas Gerais: UNIUBE, 2003.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **O perfil do estudante brasileiro: um estudo a partir dos dados do** . INEP, Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação. Políticas e resultados 1995-2002. No caminho da qualidade na educação. Brasília: MEC, 2002.

BRAVO, I. **Gestão de qualidade em tempos de mudanças**. Campinas, São Paulo: Ed.Alínea, 2007.

BREVES, P. R. **Sant' Ana do Pirá e a sua história**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CHARLOT, B. **A relação com o saber: conceitos e definições**. In : Da relação com o saber : elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COSTA, M. **Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal**. Rio de Janeiro, Revista Brasileira Educação Vol. 13, 2008.

CUNHA, L. A. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo.** São Paulo. Unesp. Brasília: Flacso, 2000.

DAMACENO, M. N. **O processo de seletividade social e o vestibular.** Educação e Seleção, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 14, jul/dez 1986.

DRUMMOND, J. A. **Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro.** Niterói: EDUFF, 1997.

FREITAS, S. M. P. **Educação profissional e qualidade de ensino: traçando um perfil socioFigura dos estudantes da EAF-Alegre, Espírito Santo.** Dissertação (Mestrado), UFRuralRJ, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. **Ensino agrícola de 2º grau: discurso oficial a necessidade de conhecer a realidade.** Campinas: Papirus, 1994.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais.** São Paulo; EDUSP, 1980.

KIPNIS, B. **O curso de pedagogia e o perfil do seu estudante: um estudo de tendência na Universidade de Brasília.** Revista Linhas Críticas, Vol. 1, 1995.

_____. **Elementos de pesquisa e a prática do professor.** São Paulo: Moderna, 2005.

KUENZER, A. Z. A reforma do ensino técnico no Brasil e suas conseqüências. In: FERRETTI, C. J. et al (org). **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** São Paulo: Xamã, 1999.

_____. **Ensino médio: construindo uma proposta dos que vivem do trabalho.** 3ª Ed. São Paulo. Cortez, 2002.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, M, F. **Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?**
Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MEC/SEMTEC/Unidade de Coordenação de Programas – **Educação Profissional – Legislação básica**. 5ª ed, Brasília, 2001.

MENDES, J. R. **A reforma da educação profissional de nível técnico, problemas, dilemas, perspectivas**. São Paulo, 2003 (Dissertação Mestrado).

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis-RJ. Editora: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, M. A. & CATANI, A. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, M. A. **Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão**. In: Revista Brasileira de Educação, nº. 26, 2004.

OLIVEIRA, J. A. **Caracterização física da bacia do ribeirão cachimbal – Pinheiral (RJ) e de suas principais paisagens degradadas**. Seropédica: UFRRJ, 1998 (Dissertação Mestrado).

OLIVEIRA, B. G. R. B. **Perfil dos estudantes ingressos nos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem do projeto de profissionalização dos trabalhadores da área de enfermagem (PROFAE) no Rio de Janeiro**. Revista Latino Americana de Enfermagem, 2007.

PAULA, Lucília A. L. de. **Educação Profissional e Qualidade de Ensino: investigando a interação família-escola**. Projeto apresentado e aprovado pelo Edital CNPq 19/2004 – Universal. CNPq, 2004.

PARO, V. H. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

PASTORE, J & Silva, N. V. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Book, 2001.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1975.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 18ª ed. ver. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

RIEDO, C. R. F. **Perfil dos alunos ingressantes no curso modular técnico em química da escola Técnica de Paulínea – ETP**. São Paulo, 1999.

SANTANA, A. V. **Grandeza pelo trabalho: formação de trabalhadores e cultura do trabalho em Jaraguá do Sul**. São Carlos: UFSCav, 2003 (dissertação de mestrado).

SCALON, M. C. **Mobilidade social no Brasil padrões e tendências**. Rio de Janeiro. Editora: Revan, 1999.

SOARES, A. M. D. **Política educacional e configuração dos currículos de formação de técnicos em agropecuária nos anos 90: regulação ou emancipação?** 2003. 242 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Agrícola e Sociedade). CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2003.

SOUSA, A. A. (Org.). **Educação profissional análise contextualizada**. Fortaleza: CEFET-CE, 2005.

TREVISAN, L. **Educação & trabalho: as receitas inglesas na era da instabilidade**. Editora SENAC: São Paulo, 2001.

ZACCUR, E. FÁVERO, O. **Pesquisa em educação – diferentes enfoques 3**. Niterói: EdUFF, 2008.

Anexos

Anexo 1

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Projeto Gestor
Linha de Pesquisa em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica

Mestrando: Jeferson Batista da Silva

Orientador: Bernardo Kipnis

Prezado Aluno(a),

Sua participação é fundamental para que eu possa desenvolver um trabalho de pesquisa referente a Mudança no Perfil Sociográfico, Expectativas Futuras de Ingressantes e Gestão da Escola: um estudo sobre o Curso Técnico em Agropecuária dos Colégios vinculados a UFF. Nesse sentido solicito que responda as questões como parceiro no processo de construção deste projeto.

CONFIDENCIAL

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO 1º ANO DE 2008

1. QUAL É SEU GÊNERO?

(A) Masculino.

(B) Feminino.

2. EM QUE ANO VOCÊ NASCEU? _____

3. EM QUE CIDADE, ESTADO VOCÊ RESIDE? _____

4. VOCÊ RESIDE EM: () Zona urbana () Zona rural

5. QUAL A FAIXA DE RENDA MENSAL DA SUA FAMÍLIA?

- (A) Até 3 salários-mínimos.
- (B) De 4 a 5 salários-mínimos.
- (C) De 6 a 7 salários-mínimos.
- (D) De 8 a 9 salários-mínimos.
- (E) Mais de 10 salários-mínimos.

6. QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA? _____

**INDIQUE AS RAZÕES QUE INFLUENCIARAM VOCÊ A ESCOLHER ESTA ESCOLA E
O CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA:**

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

	SIM	NÃO
07. Métodos de ensino.	(A)	(B)
08. Fica perto de casa.	(A)	(B)
09. É uma escola de prestígio.	(A)	(B)
10. Oferece boa formação cultural.	(A)	(B)
11. Pelas relações sociais.	(A)	(B)
12. Boa aprovação no vestibular.	(A)	(B)
13. Pelo ensino médio.	(A)	(B)
14. Pelo ensino técnico.	(A)	(B)
15. Recomendação de amigos.	(A)	(B)
16. Por ser gratuita.	(A)	(B)
17. Por vontade dos meus pais.	(A)	(B)
18. Quero ser técnico em agropecuária	(A)	(B)

19. VOCÊ POSSUI VIVÊNCIA NO CAMPO DA AGROPECUÁRIA?

- (A) Sim
- (B) Não

20. VOCÊ REALMENTE QUER SER TÉCNICO?

- (A) Sim
- (B) Não
- (C) Ainda não me decidi

27. VOCÊ JÁ REPETIU DE ANO?**QUANTAS VEZES?**

- (A) Nunca repeti de ano.
 (B) Sim, 1 vez, nesta escola.
 (C) Sim, 1 vez, em outra escola.
 (D) Sim, 2 vezes ou mais.

28. SUA MAIOR DIFICULDADE CONSISTE NAS DISCIPLINAS DO:

- () Técnico () Médio

Quais?

29. ESTE ANO, VOCÊ EXERCEU REGULARMENTE ALGUMA ATIVIDADE RELACIONADA À AGROPECUÁRIA?

- (A) Sim (B) Não

SE VOCÊ RESPONDEU SIM, QUAL (IS)?

NA SUA OPINIÃO, CABE À ESCOLA PROPICIAR A VOCÊ:

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

	SIM	NÃO
30. Tenha sucesso no vestibular.	(A)	(B)
31. Boa formação técnica.	(A)	(B)
32. Seja capaz de ter objetivos.	(A)	(B)
33. Seja feliz.	(A)	(B)
34. Adquirir senso crítico.	(A)	(B)
35. Aprenda a respeitar regras.	(A)	(B)
36. Tenha boa formação cultural.	(A)	(B)
37. Seja um bom profissional.	(A)	(B)
38. Emprego após se formar.	(A)	(B)

COM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES ESTRUTURAIS DA ESCOLA, COMO VOCÊ CLASSIFICARIA OS SEGUINTE LOCALS DA ESCOLA?

	Ótima	Boa	Razoável	Péssima
39. Refeitório	(A)	(B)	(C)	(D)
40. Biblioteca	(A)	(B)	(C)	(D)
41. Banheiros	(A)	(B)	(C)	(D)
42. Vestiários	(A)	(B)	(C)	(D)
43. Alojamento	(A)	(B)	(C)	(D)
44. Salas de aula	(A)	(B)	(C)	(D)
45. Laboratórios	(A)	(B)	(C)	(D)
46. UEP's (setores de aula prática)	(A)	(B)	(C)	(D)
47. Quadra de esportes	(A)	(B)	(C)	(D)

COM RELAÇÃO AS CONDIÇÕES DE LIMPEZA, COMO VOCÊ CLASSIFICARIA OS SEGUINTE LOCALS DA ESCOLA?

	Ótima	Boa	Razoável	Péssima
48. Refeitório	(A)	(B)	(C)	(D)
49. Biblioteca	(A)	(B)	(C)	(D)
50. Banheiros	(A)	(B)	(C)	(D)
51. Vestiários	(A)	(B)	(C)	(D)
52. Alojamento	(A)	(B)	(C)	(D)
53. Salas de aula	(A)	(B)	(C)	(D)
54. Laboratórios	(A)	(B)	(C)	(D)
55. UEP's (setores de aula prática)	(A)	(B)	(C)	(D)
56. Quadra de esportes	(A)	(B)	(C)	(D)

Anexo 2

Levantamento em fichas cadastrais dos estudantes nos últimos 5 anos Exemplo de ficha utilizada

Ano 200x			
Nº da Ficha	Gênero	Data de nascimento	Cidade/Local que reside
1	B	1992	Pinheiral
2	B	1968	Nova Iguaçu
3	B	1989	Volta Redonda
4	B	1992	Volta Redonda
5	A	1990	Barra do Piraí
6	A	1992	Volta Redonda
7	A	1992	Volta Redonda
8	A	1989	Volta Redonda
9	A	1992	Angra dos Reis
10	A	1991	Barra do Piraí
11	B	1992	Barra do Piraí
12	A	1991	Barra Mansa
13	B	1992	Mendes
14	B	1992	Barra do Piraí
15	B	1991	Barra do Piraí
16	A	1991	Volta Redonda
17	A	1990	Barra do Piraí
18	B	1992	Santa Rita de Jacutinga
19	B	1952	Pinheiral
20	A	1992	Volta Redonda
21	B	1991	Mendes
22	A	1992	Volta Redonda
23	B	1992	Volta Redonda
24	B	1992	Mendes

Fonte: setor de Registro escolar

- **A = gênero masculino**
- **B = gênero feminino**

Anexo 3

Entrevista com Gestores

Roteiro de Entrevista utilizado no CANP e CTAIBB

- 1 - Como o senhor(a), ao longo dos últimos cinco anos enquanto Gestor/Coordenador ou enquanto professor dessa instituição, percebe, de alguma maneira, se ocorreu/ocorre uma mudança no perfil dos alunos que ingressam/ingressaram nessa instituição no Curso Técnico em Agropecuária?
- 2 - O senhor(a) enquanto Gestor(a) consegue identificar a expectativa do aluno ingressante para com a escola? Exemplo: o que ele pensa encontrar na escola; Qual sua expectativa para com os ensinamentos que estará recebendo enquanto estudante do Curso Técnico em Agropecuária.
- 3 - Quais implicações para gestão da escola essa possível mudança poderia trazer? Quando digo gestão da escola, digo tanto pedagógica (ensino-aprendizagem), como estruturas físicas da escola.
- 4 – Gostaria de fazer algumas considerações que julgue importante?